

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

JOANA RESTELLI FERLA

**DISCURSO REPORTADO EM NARRATIVAS:
A Construção Colaborativa de Histórias na Fala-em-Interação**

**São Leopoldo
2020**

JOANA RESTELLI FERLA

DISCURSO REPORTADO EM NARRATIVAS:

A Construção Colaborativa na Fala-em-Interação

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Letras Inglês, pelo Curso de Letras Inglês
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos
- UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann

São Leopoldo

2019

Dedico este trabalho à minha avó Nayr Maria Ferla (*in memoriam*), com muito amor e admiração.

AGRADECIMENTOS

Seria impossível, para mim, deixar de agradecer às pessoas que tanto contribuíram para meu crescimento, fortalecimento e dedicação neste período da graduação. Cada pessoa a ser citada teve um papel imprescindível na minha caminhada e tem um lugar mais do que especial no meu coração.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais, Moisés e Adriana, por nunca terem medido esforços para me proporcionar o melhor quando se trata de educação e apoio. Sem vocês, meus maiores exemplos de esforço, honestidade, sinceridade, caridade e trabalho duro, não teria aprendido e não teria me tornado o que sou hoje. Sou extremamente grata por ter, também, minha amada avó, Adiles; a melhor irmã que o universo poderia ter me dado, Letícia; meus super dindos, Silvana e Wanderley; e minha querida tia Maristela, tão perto de mim e sempre me aconselhando e provendo palavras de incentivo e de encorajamento. Obrigada por sempre acreditarem no meu potencial e nunca me deixarem esquecer quem sou.

Outra parte da minha gratidão e total admiração vai para os membros/as do grupo Fala-em-Interação. Esse grupo tão querido que, desde o meu princípio como bolsista de Iniciação Científica, acolheu-me da melhor forma possível e me mostrou o valor do trabalho em equipe, da confiança, do companheirismo e do “caminhar juntos/as”. Além de proporcionar muitos momentos de trabalho, diversão e oportunidades de me conectar com pessoas novas e incríveis. Para vocês, Fê, Léo, Bruno Zanuz, Bruno Campos, Dani Andrade, Camila, Tati, Minéia, Carol Egewarth, Daia, Marina, Cíntia, Raquel, Milene, Martina, Maria Clara, Stefanie, Ana e, em especial, para minha super dinda Paola, que é sempre tão encorajadora, carinhosa, inteligente e dedicada, o meu muitíssimo obrigada.

Sem meus/minhas tão queridos/as e amados/as amigos, também seria impossível ter segurado algumas barras e ter acreditado que eu conseguiria realizar tudo o que gostaria. Por isso, não poderia deixar de agradecer a eles/as, que me ensinaram que o apoio, o carinho e o companheirismo são tudo. Alana, Augusto, Brenda, Bruna Carboni, Bruno Campos, Bruno Zanuz, Carolaine Kirch, Carolina Rosiak, Caroline Grings, Constanza, Danielle, Diogo, Elisa, Fábio, Gabriel, Gustavo,

Joja, Júlia Fauth, Mariana Silveira, Milene, Nathália Madeira, Rebecca, Tamires, Thiago Saldanha e Victória Schmitz, vocês são maravilhosos/as e agradeço muito a vocês por, de alguma forma, sempre estarem comigo.

Devo, ainda, meu eterno agradecimento a algumas professoras do Curso de Letras da Unisinos, que ensinaram, apoiaram, acreditaram no meu potencial e não me deixaram desacreditar dele, que ouviram minhas preocupações e choros e que são as mais inteligentes e maravilhosas professoras do mundo: Aline Jaeger, Ana Cristina Ostermann, Cristiane Schnack, Cristina Gibk, Graziela Andrighetti, Janaína Becker, Márcia Del Corona e Taiane Malabarba.

Por último, mas jamais menos importante, agradeço à minha querida orientadora, Ana Cristina Ostermann, por me inspirar a saber mais, a procurar conhecimento, a ser a minha melhor versão e a ser justa comigo mesma e transparente com a minha pesquisa. Sou grata por cada puxão de orelha, palavra de conforto, sessões de choro, aulas de empatia, orientação, aprendizado, realização acadêmica e pelo crescimento enquanto ser humano.

Obrigada a todos/as por tanto, sempre. Amo vocês!

Conversation is “order at all points”.

Harvey Sacks

RESUMO

As atividades de contar e narrar têm sido o foco de muitos estudos (GOFFMAN, 1974; 1981; MANDELBAUM, 1989; 2012; GOODWIN, 2006; HOLT, 2007; 2009) na área da Linguística Interacional (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2017) e, especialmente, da Análise da Conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974) nos últimos anos. Tais estudos se propuseram a investigar como os participantes não apenas relatam eventos passados, organizam esses reportes e constroem diferentes identidades para si e para os outros, mas também comorelatam as ações interacionais de outros participantes. Assim como as narrativas, o discurso reportado (doravante DR) tem sido objeto de estudos analítico-interacionais, especialmente quando aparece em narrativas (LARSON, 1978; MAYES, 1990; GOLATO, 2000; HOLT, 2009; ROMAINE; LANGE, 2006). A maneira com a qual é incorporado e utilizado nas narrativas, assim como a forma como é co-construído, geram grande interesse e discussão na área em questão. Com base nisso, o presente trabalho origina-se da percepção do importante papel que o DR desempenha em narrativas, assim como da curiosidade investigativa linguístico-interacional sobre os papéis interacionais que os/as próprios/as interagentes desempenham enquanto lançam mão do DR. Com o propósito de contribuir para o cenário linguístico-interacional brasileiro e sob a perspectiva teórico-metodológica da Análise da Conversa Multimodal (MONDADA, 2009; 2014; 2018; CRUZ *et al*, 2019), este estudo se propõe a analisar: (1) como o DR é introduzido; (2) como o reportante o emprega na narrativa; (3) como o DR é co-construído pelos interagentes; e (4) a importância das ações corporificadas na construção do DR nas narrativas. Os resultados deste trabalho indicam que: (a) majoritariamente, ao longo das narrativas, o DR é antecedido de uma oração reportadora, de um marcador discursivo, da combinação de ambos e, também, da combinação de marcadores de sequencialidade com marcadores discursivos. Os casos de quotativos-zero são mais escassos nos dados; (b) o DR serve para instanciar e para demonstrar a ação desempenhada por outro (ou pelo próprio interagente em algum momento anterior ou hipotético), para avaliar alguma situação, para demonstrar a sequencialidade da narrativa, para construir formulações e diálogos, etc; (c) o DR é co-construído através da tentativa de formulações, da atenção dos interagentes à necessidade de

colaboração e através da manifestação de iniciações de reparo; e (d) é utilizado para ilustrar como um acontecimento e/ou ação ocorreu originalmente.

Palavras-chave: Narrativas. Discurso Reportado. Análise da Conversa. Fala-em-Interação.

ABSTRACT

The act of telling stories has lately been the focus of many Academic Studies in Interactional Linguistics (GOFFMAN, 1974; 1981; MANDELBAUM, 1989; 2012; GOODWIN, 2006; HOLT, 2007; 2009) and, especially, in the area of Conversation Analysis (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974). Such studies aimed to investigate how the interactants (re)tell past events, how they organize these reports and how they build different identities for themselves and for others. The studies also investigated the way interactants report their and others' interactional actions. Reported Speech (henceforth RS), as well as storytelling, has also been the focus of Interactional-Analytic studies, mostly when it happens in storytelling (LARSON, 1978; MAYES, 1990; GOLATO, 2000; HOLT, 2009; ROMAINE; LANGE, 2006). The way it is used and incorporated in storytelling, as well as the way it is constructed, makes the subject a highly interesting topic of discussion and interest. Accordingly, the present study originates from the recognition of the important role RS plays in storytelling, and the interactional and the linguistic interest regarding the roles interactants play while reporting speech. To contribute to the Brazilian interactional-linguistic field, by means of the Conversation Analysis and Multimodal Conversation Analysis approach (MONDADA, 2009; 2014; 2018; CRUZ et al, 2019), this study aims to analyze: (1) how RS is introduced; (2) how the interactants implement them in interaction; (3) how RS is co-constructed by the interactants; and (4) the importance of embodied actions in the construction of RS in storytelling. The results indicate that: (a) RS is mainly prefaced by introductory clauses, discourse markers, the combination of both and, also, by the combination of discourse markers and markers of sequentiality. The occurrences of zero-quotatives are less frequent in the data; (b) RS works as an exemplifier of actions done by the own or other interactants — in a previous or in a hypothetical moment —, to assess an action, to demonstrate the storytelling sequentiality, to build dialogue and formulations, etc; (c) RS is co-constructed through interactants' formulation attempts regarding the necessity of collaboration and through repair initiations; and (d) it is used in order to instantiate an occurrence and/or action that occurred originally.

Key words: Storytelling. Reported Speech. Conversation Analysis. Talk-in-interaction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Captura de vídeo do Excerto 20.....51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Conceitos e definições	24
Quadro 2 – Quadro síntese	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1 Considerações Iniciais	13
2.2 <i>Storytelling</i>	13
2.2.1 Prefácio de Histórias	14
2.2.2 Alinhamento	15
2.2.3 Metacognição	15
2.2.4 O Direito de Reproduzir uma Narrativa e sua Reportabilidade.....	17
2.3 Discurso Reportado	18
2.3.1 Discurso Reportado Direto e Discurso Reportado Indireto.....	19
2.3.2 Discurso Reportado X Diálogo Construído.....	21
2.3.3 <i>Shift in Footing</i>	22
2.4 Marcadores Discursivos	23
2.5 Multimodalidade	23
2.6 Considerações do Capítulo	24
3 METODOLOGIA	27
3.1 Contexto	27
3.2 Geração e Transcrição de Dados	27
4 ANÁLISE	29
4.1 Discurso Reportado Introduzido por Orações ou Palavras Reportadoras ..	29
4.2 Discurso Reportado sem Introdução por Orações ou Palavras Reportadoras	33
4.3 Discurso Reportado com Mudanças de Alinhamento	36
4.4 Pensamentos Reportados	38
4.5 Ações Reportadas	41
4.6 Colaboratividade na Construção de Narrativas e Discurso Reportado	44
4.7 Discurso Reportado com Ações Corporificadas	49
5 DISCUSSÃO	54
REFERÊNCIAS	60
ANEXO A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO	64
ANEXO B - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO MULTIMODAL	66
ANEXO C - TRANSCRIÇÕES NA ÍNTEGRA	68

1 INTRODUÇÃO

O discurso reportado (doravante, DR) vem chamando cada vez mais atenção no campo da Linguística Interacional (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2017) mais especificamente, na Análise da Conversa de base Etnometodológica (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974). Estudos como os de Goffman (1974; 1981), Holt (2007; 2009) e Mandelbaum (1989; 2012) evidenciam, além das características, formas de uso e papéis que o DR desempenha na interação e em narrativas, como ele se mostra um *outcome* da cooperação entre o(s) falante(s) e seu(s) interlocutor(es) (GOODWIN, 2006).

Em vista disso e com base na análise de dados de fala-em-interação que será apresentada *a posteriori*, este trabalho se originou da observação da recorrência de casos de DR em narrativas em conversas cotidianas. Motivado por essa observação, este Trabalho de Conclusão de Curso pretende analisar (a) a forma como o DR – sendo direto ou indireto – é introduzido (se por meio de marcadores discursivos, orações reportadoras, prefácio de histórias ou sem um item introdutório); (b) a maneira com a qual o reportante do DR o emprega em sua narrativa; (c) como se dá a coparticipação dos interlocutores em meio à utilização do DR; e, sempre que os dados permitirem este tipo de análise: (d) a importância das ações corporificadas na construção do DR e das narrativas.

A diversidade de utilização do DR em narrativas e a forma como os interagentes coparticipam de sua “montagem” e trabalham acerca do entendimento de sua relevância interacional me motivaram a estudar mais a fundo o tema. Acredito que este trabalho, portanto, seja de pertinente contribuição para o campo da Análise da Conversa e da Linguística Interacional em português brasileiro.

Afora a Introdução, este trabalho está organizado em cinco capítulos. O segundo deles destina-se à revisão de literatura na área de narrativas, DR e demais termos, conceitos e discussões acerca desses tópicos. O terceiro capítulo é composto pela metodologia aplicada à análise dos dados, assim como por informações sobre a geração de dados e sobre os seus contextos de interação. O quarto capítulo abrange a análise de dados e os fenômenos interacionais encontrados nos excertos a respeito do foco deste estudo. Por fim, o quinto capítulo, apresenta as discussões relativas às descobertas feitas a partir das análises, assim como verifica os achados à luz de descobertas anteriores e os sintetiza.

2 REVISÃO DE LITERATURA

No capítulo de revisão de literatura, apresentaremos alguns conceitos centrais para o entendimento e realização desta pesquisa. Para tanto, o capítulo será organizado em: (i) Considerações Iniciais; (ii) Storytelling; (iii) Discurso Reportado; (iv) Marcadores Discursivos, (v) Multimodalidade e (vi) Considerações do Capítulo; além de suas subdivisões e quadro de conceitos e definições.¹

2.1 Considerações Iniciais

Embora larga parte da literatura sobre discurso reportado nas perspectivas da Análise da Conversa e da Linguística Interacional tenha sido publicada em língua inglesa, este trabalho será escrito em língua portuguesa. A justificativa para escrevê-lo em língua portuguesa deve-se ao fato de os dados de fala-em-interação aqui analisados serem originalmente nessa língua. Além disso, os trabalhos concernentes a *storytelling* e DR por uma perspectiva interacional são escassos no Brasil e, portanto, em português brasileiro, justificando ainda mais fortemente a redação do presente trabalho nessa língua, como um compromisso sócio-político com a ciência dos estudos de linguagem no Brasil, buscando mais inclusão e acessibilidade na leitura deste texto e destacando os achados concernentes ao uso, ensino e aprendizagem e ensino da língua portuguesa. Pelo mesmo motivo, os termos “história” e “narrativa” serão utilizados para se referir a *storytelling*, uma vez que são palavras que expressam o significado desse termo em língua portuguesa.

2.2 Storytelling

O conceito de *storytelling*, se traduzido livremente para o português brasileiro, diz respeito a contar/narrar histórias (*story* + *telling*). Porém, levando em consideração o fato de que a “contação de histórias” é frequentemente vinculada às práticas de contar/narrar histórias para crianças ou, ainda, à leitura interpretada de

¹ No momento em que concluíamos a escrita deste trabalho, foi publicado um volume temático sobre citações (FETZER; WEISS, 2020). Na introdução deste volume, o jeito como citações são reportadas e referenciadas é posto em evidência e dito essencial. Além disso, a autora categoriza os tipos e as nuances do reporte de citações e traz a ideia de que elas são um tipo de metarepresentação.

narrativas mais longas, as palavras que serão utilizadas para traduzir o termo advindo da língua inglesa serão, como mencionado anteriormente, “história” e “narrativa”. Acreditamos que, apesar de não serem sinônimos exatos, essas palavras representem mais fielmente o conceito quando utilizado em contextos cotidianos de fala-em-interação.

Como explicam Stokoe e Edwards (2006), narrativas², em geral, constituem uma das formas por meio das quais construímos nossa identidade como seres humanos e imprimimos sentido a ela. Por esse motivo, a Análise da Conversa, doravante AC (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), interessa-se, além de outras coisas, pela maneira como essas narrativas ou histórias são contadas, assim como quais ações interacionais elas desempenham — e isso interessa mais do que o conteúdo dessas narrativas ou histórias em si.

A narrativa compreende uma gama diversificada de fenômenos interacionais, como prefácio de história (SACKS, 1986 p. 3, tradução nossa³), alinhamento⁴, metacognição⁵, a ocorrência de marcadores discursivos⁶ (esse último será discutido mais adiante neste capítulo), entre outros. Isso se dá, em consonância com Jefferson (1974), pela razão de uma narrativa ser desencadeada no decorrer do turno-a-turno de uma interação, ou seja, pelo fato de existir a fala-em-interação e os diferentes papéis interacionais que cada falante desempenha nela e por meio dela.

2.2.1 Prefácio de Histórias

Um prefácio de história consiste, como o próprio nome sugere, em um componente anterior à narrativa de uma história. Esse prefácio é caracterizado pela produção de uma espécie de “oferta” para contar uma história (“Quer ouvir uma história?”), por uma possível caracterização inicial dos fatos (“Meu pai derrubou o vaso de flores...”), e por uma referência ao tempo em que o evento passado ocorreu (“Quando eu era criança...”) (SACKS, 1974). O prefácio de história pode garantir ao interagente responsável pela narrativa um próximo turno de fala mais longo, mostrando aos outros interagentes a intenção de produzir uma narrativa. Ao ser

² Originalmente *storytelling*. (STOKOE; EDWARDS, 2006)

³ Originalmente *story prefaces*. (SACKS, 1986 p. 3)

⁴ Originalmente *alignment*. (STIVERS, 2008)

⁵ Originalmente *metacognition*. (PROUST, 2013)

⁶ Originalmente *discourse markers*. (NORRICK, 2007)

produzido, esse prefácio pode, também, ajudar a “bloqueá-la” interacionalmente por outros/as interagentes que podem já tê-la ouvido e/ou não estão interessados/as em ouvi-la (novamente) naquele momento.

2.2.2 Alinhamento

O alinhamento é essencial para a produção e para a continuidade de uma narrativa. Os/as interagentes que estão escutando a narrativa produzem continuadores⁷, que a sustentam até seu ponto de conclusão (STIVERS, 2008). Exemplos de continuadores são “sim” e “arram”. Esses continuadores podem, ainda, ser feitos corporificadamente, ou seja, através de um assentimento com a cabeça, ou direcionamento de olhar, por exemplo. Enquanto os interagentes/as se alinham com a história do “narrador”, este pode continuar com o turno de fala.

2.2.3 Metacognição

O termo metacognição é amplamente utilizado no campo da psicologia e da psicolinguística. É comumente utilizado para fazer menção ao processo de monitoramento da própria atividade cognitiva, embora também possa ser utilizado para se referir ao pensamento sobre o próprio pensamento, ou para se referir à percepção de adquirir um conhecimento novo (PROUST, 2013). No contexto interacional, a metacognição diz respeito ao monitoramento da fala-em-interação e a atentividade dos/as interagentes em relação a ela.

A narrativa pode ser desencadeada por várias motivações contextuais e interacionais, significando que uma história pode emergir baseada em algo que o interagente lembra no momento em que algo é mencionado ou comunicado de forma corporificada na interação atual, que o remeta a alguma coisa que ocorrera com ele ou com alguém que ele conheça. (MANDELBAUM, 2012). Jefferson (1974) aborda duas razões sequenciais para tais motivações: (a) uma história pode ser a origem de fala subsequente topicalmente coerente e relevante à atual, e (b) a relação entre a história e a fala subsequente pode ser demonstrada por uma variedade de técnicas interacionais.

⁷ Originalmente *continuers*. (MANDELBAUM, 1989)

É importante ressaltar que a narrativa é produzida em um contexto específico de fala, o que significa que, em cada contexto em que for (re)produzida, haverá motivações diferentes para a sua produção e será construída de formas diversificadas (NORRICK, 2007). Como aponta Norrick (2007), um *storytelling*, como nomeado originalmente, não constitui-se apenas uma narrativa, pois uma narrativa evoca um acontecimento passado e a razão pela qual está sendo relatado no momento; mas trata-se, também, de uma história, pois além das características de uma narrativa, possui um certo tipo de avaliação do fato, que é realizado por quem a está contando (MANDELBAUM, 2012).

Como mencionado anteriormente, a narrativa é utilizada como um dos meios de construir a identidade de quem a está narrando – e também de quem está nela envolvido. Contudo, ela também serve para legitimar o pertencimento de um indivíduo em um grupo (social) específico, e os valores atrelados a esse grupo (NORRICK, 2007).

O processo de construção de uma narrativa influencia o turno-a-turno de uma interação (SACKS, 1992b) de forma que, para que o falante consiga contar uma história, precisará de mais de um turno de fala por vez. Isso deixa claro que é necessário que os/as outros/as interagentes percebam o que está sendo feito (o que está acontecendo) como sendo uma narrativa e que respeitem as mudanças que o “formato” narrativa causará na sequencialidade da interação.

Uma narrativa pode ser iniciada em primeira posição de fala, em que o falante produz seu primeiro turno com a história a ser narrada; ou em segunda posição, em que a ação de contar a narrativa é responsiva a um turno produzido anteriormente (MANDELBAUM, 2012). Como já explicado, para os/as outros/as interagentes perceberem que uma narrativa está a ponto de ser iniciada, o falante responsável por contá-la utiliza-se de prefácios de histórias (SACKS, 1974). Conforme evidencia Mandelbaum (2012), uma das maneiras de prefaciá-la e de fazer com que os/as demais interagentes a considerem como sendo uma história é a “retomada” de um fato compartilhado com um coparticipante da interação, de maneira a evocar a história e até mesmo convocá-lo/a a contá-la juntamente com o falante que tem a intenção de narrar o acontecimento.

2.2.4 O Direito de Reproduzir uma Narrativa e sua Reportabilidade⁸

Uma história é geralmente contada por alguém que tem o direito epistêmico de contá-la, ou seja, alguém que esteve presente no momento em que o acontecimento ocorrera ou alguém que, na ausência de outrem que tenha participado (ativa ou passivamente) do evento interacional, tenha o direito de contar a história. (NORRICK, 2007). Frequentemente, pessoas que detêm o “direito” de contar uma história são aquelas que estavam presentes durante o acontecimento ou que souberam do acontecimento por parte de seus participantes. Uma narrativa pode ser, ainda, contada por mais de uma pessoa, sendo coconstruída por dois (ou mais) narradores⁹ (MANDELBAUM, 1989), se ambos possuírem o direito, como mencionado, de contá-la.

A reportabilidade de uma narrativa, ou seja, o motivo pelo qual será contada, dependerá da relevância contextual de sua reprodução para a interação, assim como de seu conteúdo. Além disso, o indivíduo que contará a história deve mostrá-la como digna de ser contada, apontando, interacionalmente, sua contribuição contextual diante da interação vigente. Isso pode ser feito através da relação da narrativa a ser contada com a possível narrativa em andamento ou com a lembrança de algum fator importante que tem relação com o que está sendo dito na conversa. Isso é realizado pelos/as interagentes, intercambiavelmente na posição de interlocutores, nas tomadas de turno como “ah, isso me lembra de quando fui no mercado na quarta-feira e...” ou “como daquela vez em que estávamos nas dunas...”, nas quais a relevância do que está prestes a ser reportado é apontada como significante.

Ademais, retomamos aqui que o interlocutor pode coparticipar da narração da história, aceitando ou rejeitando sua reportabilidade naquele contexto interacional (MANDELBAUM, 2012). As reações (verbais ou corporificadas) do outro dizem tanto quanto as do narrador. Os/as interlocutores/as mostram sua competência interacional e atenção à narrativa por meio do uso de continuadores (MANDELBAUM, 1989) — “arrã” e “sim”, por exemplo — e de *feedback tokens* — “tá”, por exemplo — quando algum tipo de esclarecimento é requerido. Esses marcadores discursivos (continuadores e *feedback tokens*) ajudam o próprio

⁸ Originalmente *tellability*. (NORRICK, 2007)

⁹ Originalmente *tellers*. (MANDELBAUM, 1989)

narrador da história a ajustá-la e adaptá-la, de modo a mostrar o importante papel dos/as interlocutores/as na co-construção e no redirecionamento da narrativa (MANDELBAUM, 1989; 2012; JEFFERSON 1983a), de maneira a ajustar seu “propósito” interacional; ou seja, de ajustar o motivo pelo qual o narrador começou a narrativa, em primeiro lugar. As formas mais comuns de os/as interlocutores/as interagirem com a narrativa (e, portanto, com o/a narrador/a) são por meio de alinhamento e de afiliação¹⁰. O alinhamento é considerado uma maneira mais passiva de participação na narrativa (SCHEGLOFF, 1982), pois faz uso dos continuadores para demonstrar o acompanhamento da história. Já a afiliação tem o objetivo de validar, ou seja, aceitar como interacionalmente conveniente, o propósito da narrativa e a narrativa em si.

2.3 Discurso Reportado¹¹

Volosinov (1973), a partir de um ponto de vista interacional, ressalta que o DR se faz morada para a análise de como a palavra do outro pode ser recebida — pelo então reportante — e transformada. De acordo com Holt (2009), o DR é utilizado para apresentar ou introduzir um evento anterior de fala, e pode ser produzido por um falante diferente do original (como mencionado na seção 2.2.4). Esses relatos não necessariamente precisam ser de um evento passado, podendo incluir também pensamentos reportados¹² ou situações hipotéticas de fala (MAYES, 1990; IRVINE, 1996; HOLT, 2009), em que o que é reportado refere-se ao que *seria* proferido na situação hipotética apresentada no contexto de fala atual.

Ainda de acordo com Holt (2009), o DR ocorre habitualmente no contexto de narrativa; fenômeno que, segundo Wierzbicka (1974), possui um papel essencial nas interações cotidianas. Esse fato pode ser evidenciado a partir da análise dos dados a serem apresentados a seguir e com base em alguns trabalhos anteriores como os dos linguistas Larson (1978), Golato (2000) e Romaine e Lange (2006). Ainda, consoante Mayes (1990), o DR é frequentemente utilizado no clímax de narrativas, de modo a indicar o seu propósito.

¹⁰ Originalmente *affiliation*. (STIVERS, 2008)

¹¹ Originalmente *reported speech*. (HOLT, 2009)

¹² Originalmente *reported thought*. (HOLT, 2009)

Duas características importantes a serem analisadas por parte da produção do DR constituem-se o modo como é produzido¹³ e o local onde é alocado¹⁴ em um turno. Além disso, o que ele faz na interação é central para o entendimento de sua complexidade interacional.

Como veremos a seguir, o DR pode ser prefaciado ou produzido com marcadores discursivos ou com orações reportadoras¹⁵ — dependendo de seu caráter direto ou indireto, ambos podendo preceder ou suceder o DR (HOLT, 2009).

2.3.1 Discurso Reportado Direto e Discurso Reportado Indireto¹⁶

Existe uma grande discussão acerca dos formatos em que o DR pode ser produzido na fala cotidiana. Teoricamente, o DR pode ser produzido de duas maneiras: direta ou indiretamente. O modo como será produzido depende do formato que aparecerá no contexto de fala (MANDELBAUM, 2009). Contudo, a diversidade de estudos com relação ao tópico demonstra diferentes interpretações e significações do que seria, de fato, um discurso reportado *direto*, *indireto* ou *quase direto*¹⁷ (doravante, DRD, DRI e DRQD, respectivamente). Geralmente, o DRD é descrito como essencialmente uma representação fiel do que foi originalmente enunciado, como aponta Mayes (1990). Coulmas (1986), similarmente, explica que o DRD não é a fala de quem o reporta, assim permanecendo como a fala de outrem que está sendo meramente reproduzida. Li (1986) sugere, ainda, que o DRD não só reporta fielmente o que foi dito, mas também como foi dito, incluindo expressões faciais e gestuais. Sendo assim, é considerado uma reconstituição literal, contando não apenas com palavras, mas também com entonação e gestos semelhantes (senão iguais) aos que foram utilizados originalmente.

Diferentemente da noção mais comum que se tem do DR, no DRI o indivíduo que o produz não necessariamente reproduz as exatas palavras utilizadas (anteriormente) pelo falante original. Em vez disso, adapta a fala (JESPERSEN, 1924) frequentemente utilizando orações reportadoras como “ele disse” e “ela disse” para reportar os eventos de fala anteriores. Além disso, o DRI é uma forma, segundo

¹³ Originalmente *design*. (HOLT e CLIFT, 2007)

¹⁴ Originalmente *placement*. (HOLT e CLIFT, 2007)

¹⁵ Originalmente *introductory clause*. (HOLT, 2007)

¹⁶ Originalmente *direct reported speech e indirect reported speech*. (HOLT, 2009)

¹⁷ Originalmente *quasi-direct*. (HOLT; CLIFT, 2007)

Li (1986), de atribuição de um comentário ou do próprio ponto de vista do falante em relação ao que está sendo reportado.

Porém, a título de esclarecimento, quando o DR aparece sem um componente que o prefacie (sendo do DRD ou DRI) e sem uma oração reportadora, ele será concebido como um “quotativo-zero¹⁸” (MATHIS & YULE, 1994 apud HOLT, 2009). Além dos quotativos-zero, existem estudos que abordam o discurso reportado indireto livre¹⁹ (doravante, DRIL) ou DRQD, que se refere a um tipo de DR que amalgama o DRD e o DRI (HOLT; CLIFT, 2007).

Um fato igualmente importante para o campo da AC e para os estudos da fala-em-interação relacionado tanto ao discurso direto como ao indireto pode-se observar em Holt (2009). Enquanto o DRD é concebido como uma representação efetiva e fiel — e, portanto, confiável — do que foi dito anteriormente, o DRI, ao contrário, pode ser usado para demonstrar neutralidade (CLAYMAN, 1988), já que a pessoa que o reproduz tende a atribuir a reprodução da fala a um terceiro (ao falante original), não se responsabilizando necessariamente pelo que foi dito (GOFFMAN, 1974), mas apenas reportando-o tal qual originalmente reproduzido. De acordo com Coulmas (1986), enquanto o DRI é relacionado ao ponto de vista de quem está reportando a fala, o DRD diz respeito apenas ao que fora enunciado em um evento anterior de fala, sendo somente reportado por outro falante que não seja o original.

Embora exista certo consenso no que diz respeito às características do DRD e DRI, pesquisadores, como a analista do discurso Tannen (1989) e a analista da conversa Bolden (2004) alegam que as diferenças entre os dois tipos não são sempre claras, podendo reportar algo composto de características gerais de ambas. Essa hibridização de composições pôde ser anteriormente verificada quando nos referimos ao DRQD.

Além disso, em relação à ideia de que o DRD é quase que totalmente fidedigno ao que fora enunciado originalmente, Dubois (1989), Tannen (1989) e Mayes (1990) demonstram, em seus estudos, que o que é enunciado frequentemente sofrerá alterações ao ser reportado, fenômeno que Dubois (1989) chama de pseudocitação²⁰. Lehrer (1982) afirma que os/as interagentes focam em

¹⁸ Originalmente *zero-quotatives*. (MATHIS; YULE, 1994)

¹⁹ Originalmente *free indirect*. (HOLT; CLIFT, 2007)

²⁰ Originalmente *pseudoquotative*. (DUBOIS, 1989)

lembrar o significado do que fora proferido em detrimento da forma com a qual fora originalmente proferido.

Sendo assim, embora a distinção entre DRD e DRI contribua para a diferenciação entre falantes e contextos de fala, ela não é tão “fechada” quanto parece. Algumas funções atribuídas ao DRD, por exemplo, podem ser igualmente atribuídas ao indireto e vice e versa.

Outro fator interessante é o impacto que o DR tem, interacionalmente, quando é produzido de forma que quem o produz se distancie, figurativamente, do que está reportando, a fim de não tomar responsabilidade pelo que foi proferido (GOFFMAN, 1974) e de proteger sua face²¹ (GOFFMAN, 1955; 1964). Dessa maneira, o reportante se mostra como não conivente com o que fora dito, podendo, assim, demonstrar seu ponto de vista e produzir ações avaliativas referentes ao que reportara.

2.3.2 Discurso Reportado X Diálogo Construído²²

Embora o termo construção seja amplamente utilizado neste trabalho, é importante notarmos a diferença entre DR e diálogo construído, trazido por Tannen (1989; 1995), e o porquê do uso daquele em detrimento desse. De acordo com o que a linguista explica, o DR e o contexto em que fora reportado²³ são interligados e o DR é transformado pelo contexto no qual está sendo reportado.

Pelo fato de Tannen (1995) assumir que as pessoas, em geral, tomam o que é reportado como mera troca de informações que são verdadeiras e imutáveis de seu contexto de origem, a pesquisadora acaba por alegar que aquilo que é reportado jamais será uma reprodução perfeita do que fora produzido anteriormente – já que foi deslocado de seu contexto de fala original – mas, sim, um diálogo construído pelo fato de que, quem está reportando, pode mudar palavras, contexto e demais características da fala anterior para adequá-la ao novo contexto. Isto é, o discurso é *construído*, em vez de meramente reportado, por ser a adaptação da fala de outrem em um momento e em contexto diferenciado do original.

Mesmo que concordando que DRs são adaptados para cumprir a agenda da interação na qual estão sendo proferidos, acreditamos que o que ali é feito continua

²¹ Originalmente *face work*. (GOFFMAN, 1955; 1964)

²² Originalmente *constructed dialogue*. (TANNEN, 1989; 1995)

²³ Originalmente *reporting context*. (TANNEN, 1995)

sendo o discurso reportado de algo que fora dito/feito por outro. Sendo assim, manteremos o fenômeno aqui discutido como DR – e não como diálogo construído.

2.3.3 *Shift in Footing*

A mudança de alinhamento²⁴ (GOFFMAN, 1981) diz respeito às mudanças que fazemos, enquanto detentores de um turno de fala, em relação à nossa voz, modo de falar e modo de agir corporificada e gestualmente enquanto reportando ou encenando²⁵ algo que foi dito (ou pensado) anteriormente por outro ou por nós mesmos. Embora a teoria de mudança de alinhamento de Goffman (1981) seja insuficiente para categorizar os/as interlocutores/as²⁶, ela nos parece suficiente para o propósito de mapear as mudanças de alinhamento que ocorrem dentro de um reporte de fala e de uma narrativa.

Diferentemente de Goffman (1981), que em seu modelo de mudança de alinhamento não analisou (aprofundadamente) e nem descreveu o papel que o interlocutor²⁷ desempenha na interação tão detalhadamente quanto descreveu o papel do falante²⁸ (nesse caso, da narrativa e do DR), Goodwin (2006), em sua análise e reflexão sobre o modelo de Goffman, demonstra que (tendo em vista a colaboração e coparticipação entre interagentes), o que falta no modelo proposto é a reflexão mútua²⁹, em que ambos falante e interlocutor (ou coparticipante) se “espelham” um no outro para propósitos interacionais. Portanto, o DR (assim como a narrativa) são compostos da coparticipação, porque através da participação de ambos – afiliando-se e alinhando-se, por exemplo – na construção da narrativa e do que é reportado, é que são compostas as ações que contribuem para a progressão da agenda ou do evento de fala que está sendo feito através dela.

A participação do coparticipante (interlocutor), para Goodwin (2006), é essencial, pois por meio dela podemos analisar fenômenos importantes que fazem parte da narrativa em progresso. Assim como para Goodwin, Holt (2007) também acredita que a teoria de Goffman (1981) careça de informações sobre o interlocutor. Para a linguista, o importante, ao invés de apenas criar tipologias e categorias de

²⁴ Originalmente *shift in footing*. (GOFFMAN, 1981)

²⁵ Originalmente *enacting*. (HOLT, 2007)

²⁶ Originalmente *hearers*. (GOFFMAN, 1981)

²⁷ Originalmente *hearer*. (GOFFMAN, 1981)

²⁸ Originalmente *speaker*. (GOFFMAN, 1981)

²⁹ Originalmente *mutual reflexivity*. (GOODWIN, 2006)

análise, é analisar as atividades que os/as interagentes, em conjunto, desempenham no momento do reporte para fazer com que as coisas aconteçam³⁰ na interação.

2.4 Marcadores Discursivos

Um aspecto fundamental da narrativa e do DR são os marcadores discursivos, que operam na construção da história, guiando-a e tornando-a mais coerente, organizada e cronologicamente ordenada (NORRICK, 2007). Os marcadores são igualmente importantes quando se trata de prefácio de história em narrativas que, a saber, são a maneira como uma história é introduzida na interação (JEFFERSON, 1978; MANDELBAUM, 1989; STOKOE & EDWARDS, 2006; NORRICK, 2007), como já explicitado. Alguns exemplos de marcadores discursivos são “tipo”, “ou seja”, “além disso”, etc.

2.5 Multimodalidade

Em conformidade com Goodwin (2006), uma narrativa não é constituída somente por quem a conta, mas também por meio das ações corporificadas e de fala dos/as coparticipantes (não só de quem a reporta e narra). Assim, pode-se depreender que não somente a fala-em-interação, mas o DR e narrativas são co-construídos de forma a englobar todas as instâncias interacionais (de fala e de condutas corporificadas) para cumprir uma agenda interacional.

A fala é constituída por muito mais do que apenas ela mesma — por meio e tendo influência de ações corporificadas, expressões faciais e demais recursos semióticos — e, principalmente em contexto de narrativas e DR, faz-se necessário prestar atenção às condutas corporificadas dos interagentes durante a conversa. Por isso, algumas das interações (as que forem passíveis de análise multimodal) que serão apresentadas na seção analítica deste estudo, serão analisadas, na medida do possível, multimodalmente (MONDADA, 2014; 2018).

³⁰ Originalmente *to get things done*. (HOLT, 2007)

2.6 Considerações do Capítulo

De modo a apresentar uma sistematização e de contribuir para uma leitura fluida do capítulo de análise de dados, os conceitos introduzidos neste capítulo, a serem utilizados nas análises, estão compilados no quadro abaixo. Além dos conceitos, suas definições e alguns exemplos compõem o quadro apresentado.

Quadro 1: Conceitos e definições

Conceito	Definição	Exemplos
Narrativas	Histórias interacionalmente acionadas.	-
Prefácio de histórias	Itens que prefaciam uma narrativa, que indicam que ela acontecerá em seguida.	“Quando eu era criança...” “Tu não sabe o que me aconteceu ontem”.
Alinhamento	Produção de continuadores por parte dos interagentes que estão escutando a história, a fim de demonstrar que estão atentos à narrativa e que ela está, ainda, em progresso. O alinhamento — assim como a afiliação — possui um aspecto cooperativo (STIVERS, 2008; STIVERS <i>et al.</i> , 2011). Ele opera na aceitação — ou negação, no caso do desalinhamento — da atividade ou da ação em questão, coincidindo com o formato contextual preferido do turno.	“Daí eu fui na feira...=” “=arrã”.
Metacognição	Diz respeito ao monitoramento da fala pelos/as falantes. Ou seja, ao ato de se estar atento ao que se está fazendo na conversa.	-
Marcadores discursivos	São, palavras (ou locuções) responsáveis por guiar a interpretação de textos/do que é dito, articulando as relações existentes entre ideias. Operam na construção da história, guiando-a e tornando-a mais coerente, organizada e cronologicamente ordenada.	“quando”, “tipo”, “mas”, “por isso”, “daí”, “aí”, etc.

Continuadores	Elementos utilizados para “incentivar” o narrador a prosseguir.	“arrã”, “sim”, etc.
Reportabilidade	Motivo interacional de uma narrativa de acordo com a relevância de sua reportabilidade no contexto atual de fala.	-
Afiliação	Modo de cooperação mais “efetivo” (STIVERS <i>et al.</i> , 2011), no qual o interagente mostra concordar ou não — desafiando-se — com o que fora enunciado/avaliado/feito por outro interagente no/s turno/s de fala precedente/s.	“verdade”, “foi muito boa, sim”, etc.
DRD	Representação mais fiel possível do que fora originalmente enunciado.	“Ela chegou e falou ‘obrigada’”.
DRI	Reprodução modificada da fala do interagente original, na qual o falante que a está reportando se dá ao direito de alterar, atribuir juízo de valor e/ou incluir novos elementos ao que está sendo reportado.	“Ela disse que ele teria feito o jantar, se precisasse”.
DRQD	União de características do DRD e DRI.	“Coralina disse ‘ok’ e falou que não esperava que eu voltasse, como se ela se importasse”
Orações e outros elementos Reportadores	Orações e palavras que prefaciam o DR.	“Ele disse”; “Ela disse”. “E eu: X” “E ela: X”
Mudança de alinhamento	Mudanças que o detentor/a do turno de fala, enquanto agente reportante, faz no modo de falar e agir corporificadamente, de forma a reproduzir o que está sendo dito como originalmente.	-

Multimodalidade	Nesse contexto, trata-se das ações corporificadas, expressões faciais e demais formas extraverbais de comunicação às quais os/as interagentes utilizam para se comunicar. É, também, a forma de transcrição responsável por descrever (visualmente, utilizando recursos de escrita) movimentos corporificados que dizem respeito à comunicação e fala dos/as interagentes de uma conversa.	-
Reflexão mútua	Refere-se à colaboração e à co-construção nas interações. Falante e coparticipante se “espelham” um no outro para determinadas ações e atividades interacionais.	-

Fonte: Elaborado pela autora com base na revisão de literatura.

Em seguida, na seção de metodologia, serão apresentadas as formas nas quais os dados foram gerados, o seu contexto interacional e como serão analisados. Também são discutidos os/as participantes e os métodos de transcrição.

3 METODOLOGIA

3.1 Contexto

Para a realização deste trabalho, interações cotidianas, tanto de contexto institucional quanto de contexto não institucional, foram analisadas. As análises foram realizadas amparando-se na perspectiva teórico-metodológica da Linguística Interacional (COUPER-KUHLEN; SELTING, 2017) e da AC (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), que possibilitam que analisemos os dados de fala-em-interação com um ponto de vista êmico (FETTERMAN, 2010), que consiste na análise de dados pela perspectiva dos/as próprios/as participantes da interação. Além disso, para a realização das análises, foram selecionados apenas os excertos — ou interações completas, no caso do contexto institucional — em que o DR ocorresse em meio a narrativas; a saber, nove excertos que se encontram, na íntegra, na seção de anexos.

As interações de contexto institucional se dão por duas consultas, realizadas em momentos diferentes, entre médica e pacientes grávidas em um posto de saúde. Já as interações não institucionais são constituídas por duas conversas entre amigos, uma com a participação de duas amigas adolescentes e a outra com a participação de três amigos adolescentes, todas na residência de uma das interagentes. Todos os dados presentes aqui são naturalísticos, o que significa que foram gerados em momentos naturais de fala — que aconteceriam independentemente da realização de qualquer pesquisa.

3.2 Geração e Transcrição de Dados

Os dados naturalísticos de contexto institucional foram gerados por pesquisadores(as) do grupo de pesquisa Fala-em-Interação em Contextos Institucionais e Não Institucionais (FEI), da Unisinos, coordenado pela Profa. Dra. Ana Cristina Ostermann. Esses dados foram gerados entre os meses de julho e agosto de 2006, em um posto de saúde no Rio Grande do Sul, por meio da gravação em áudio. Já os dados de natureza não institucional foram gerados na residência de uma das interagentes, como mencionado anteriormente, entre os anos de 2018 e

2019 por meio da gravação em áudio e vídeo, e foram gerados por uma das integrantes do Grupo FEI.

A gravação, em áudio e/ou vídeo, foi realizada com o consentimento de todos os participantes das interações aqui apresentadas. Além disso, todos os dados pertencentes a este trabalho foram anonimizados, ou seja, os nomes de participantes, assim como os nomes de lugares e marcas foram alterados a fim de proteger suas identidades.

A transcrição dos dados de natureza verbal foi feita a partir dos dados em áudio e vídeo, seguindo as convenções estabelecidas por Jefferson (2004), que foram traduzidas e adaptadas pelo grupo FEI. A transcrição de uma interação constitui-se na representação gráfica realizada da maneira mais fidedigna possível em relação à ocorrência natural da fala. O quadro contendo as convenções, utilizado nas transcrições de dados feitas pela autora, pode ser encontrado no anexo A deste trabalho. No que tange aos recursos extraverbais operados pelos interagentes, utilizaremos, nos excertos pertencentes à seção de análise, as convenções de transcrição multimodal (MONDADA, 2009; 2014; 2018; CRUZ *et al*, 2019) para demonstrarmos graficamente onde, nos turnos de fala dos interagentes, as ações corporificadas ocorrem. Tais convenções podem ser encontradas no anexo B deste trabalho.

No próximo capítulo, intitulado Análise, alguns excertos extraídos das transcrições completas das interações cotidianas serão analisados de maneira a ilustrar alguns dos fenômenos acima descritos. Toda a análise será acompanhada por dados de embasamento teórico explorados anteriormente no referencial teórico.

4 ANÁLISE

O capítulo de análise está subdividido em sete seções. Cada uma abordará um fenômeno recorrente, relacionado com o embasamento teórico, nos excertos de fala-em-interação presentes neste trabalho. As transcrições dos excertos, na íntegra, podem ser encontradas nos anexos.

4.1 Discurso Reportado Introduzido por Orações ou Palavras Reportadoras

Consoante ao que foi mencionado anteriormente sobre o DR ser introduzido por *marcadores discursivos e/ou orações reportadoras* (HOLT, 2009), podemos identificar, nos dados, a utilização de diversos itens lexicais que são responsáveis por cumprir esse papel nas interações. Tais componentes são utilizados em posição anterior à produção do DRD, como se observa a seguir, de forma a exercer exatamente essa função: introduzir o DR.

No excerto 1, os interagentes Lana (LAN) e Benjamin (BEN) conversam sobre o fato de a ex-namorada de Benjamin ter ficado com algumas de suas peças de roupa após o término do relacionamento.

Excerto 1 (transcrição B) – moletom roubado

- 1 BEN: =só pra tu tê uma noção=
 2 LAN: =mas ca↑paz eu
 3 [ia devolvê: >se a gente< termina:sse.]
 4 BEN: [a minha e:x na casa de:]la (.) aí ela manda
 5 vim uma >cueca< ↑minha, uma bermuda, um par de meias,
 6 (.)
 7 → LAN: e tu [entã:o fala assim] >>quero de volta<<
 8 BEN: [uma cami:sa-,]
 9 (.)
 10 BEN: uma cami:sa manga com↑pri:da
 11 (1.4)
 12 BEN: um ca↑sa:co, um mole↑to:m,
 13 (.)
 14 LAN: tá. moleto:m já [xxxx]
 15 BEN: [três ca-] três cami↑se:ta
 16 (2.5)

17 BEN: deve †tê mais alguma co:isa

Nessa interação, o adolescente está contando o fato de sua ex-namorada ter ficado com algumas de suas roupas quando, na linha 7, Lana, prontamente reagindo ao descontentamento mostrado pelo amigo nos turnos anteriores, utiliza-se de uma oração reportadora — [entã:o fala assim] — no imperativo, introduzindo um conselho para “solucionar” o problema. Ou seja, para que Benjamin consiga recuperar seus pertences. Lana dá esse conselho por meio de DRD: e tu [entã:o fala assim] >>quero de volta<<, linha 7.

No Excerto 2, advindo de uma interação institucional, médica (MED) e paciente (PAC) conversam sobre a consulta prévia que a paciente teve com outra médica, na qual a profissional havia dito que a paciente precisaria de um hospital mais adequado para o parto em função das condições de saúde do bebê. Durante sua narrativa, a paciente utiliza tanto o DRD quanto o DRI, tornando-se, assim, um DRQD.

Excerto 2 (transcrição I) – hospital correto

1 MED: i:sso:=
 2 PAC: =é o que ela me falo:u foi assim †ó: >ela disse<
 3 pra mim (.) †já que o meu convênio nã:o- não †cobre os
 4 → exames †né: .hhh >ela disse assim< tu vai precisá
 5 du::m (.) dum hospital assim de mais †po::rte >por
 6 causa que o nenê-< é prová:vel †(que) °ele vai°
 7 precisá fazê cirurgi:a .hhh
 8 (.)
 9 PAC: >>ela disse<< vou te encaminhá pro †su::s (.) .hhh pro
 10 su:s te encaminhá pra pantano a†le:gre >†foi isso que
 11 ela< me disse né:

Na introdução de todos os DRs, a paciente faz uso de algum item que os prefacie. Na linha 4, por exemplo, a oração “>ela disse assim<” é produzida para dar início ao relato; primeiro de forma direta e depois indireta, do motivo pelo qual ela precisaria ir para um hospital “de grande porte”. Semelhantemente, na linha 9, a paciente faz uso da oração “>>ela disse<<” para introduzir o que a médica anterior

anunciara; esse reporte é, em certa medida, reforçado pela repetição da oração reportadora (de forma modificada) ao concluí-lo: >↓foi isso que ela< me disse né:.

Um fato igualmente interessante é o de que, na linha 2, o enunciado produzido pela paciente (é o que ela me falo:u foi assim ↑ó:) poderia prefaciador um possível DR que viria em seguida. Porém, o que segue é outro possível prefaciador de DR (>ela disse< pra mim); que acabou por não ser utilizado como tal, já que, na continuidade do turno, a paciente provê mais informações sobre o que a médica havia dito, antes de reportar o que fora dito por ela.

Acreditamos que a primeira instância de fala – é o que ela me falo:u foi assim ↑ó: – teria sido uma tentativa de demonstrar que o reporte que seguiria seria exatamente do jeito que a médica havia dito anteriormente, pelo fato de ser estruturado semelhantemente a uma oração reportadora. Da mesma maneira, “>ela disse< pra mim” poderia ser o item prefaciador do DR, caso não houvesse a adição de mais informações (↑já que o meu convênio nã:o- não ↑cobre os exames ↑né:, linhas 3 e 4). No entanto, é apenas na linha 4 que o item prefaciador aparece em “>ela disse assim<”, que é seguido pelo DR: tu vai precisa du::m (.) dum hospital assim de mais ↑po::rte >por causa que o nenê-< é prová:vel ↓(que) °ele vai° precisá fazê cirurgi:a .hhh.

No Excerto 3, a seguir, Benjamin (BEN) conta para suas amigas Carla (CAR) e Lana (LAN) sobre uma situação que ocorreu entre ele, seu amigo Lázaro, e uma colega comum aos dois, Jaia. Durante a narrativa (que está inserida em uma interação de contexto não institucional), o interagente realiza múltiplas ações reportadas, introduzidas por orações reportadoras.

Excerto 3 (transcrição D) – “daí ele falô”

- 3 BEN: eu- daí eu precisava de um lugar pra almoçá, daí eu >falei<
 4 <lázaro> vamo no cassi:ni >e daí ele falô< <bele:za>
 5 (0.4)
 6 → BEN: >daí ele falô< só tem que falá [com a jaia porque]::,=
 7 LAN: [a:o:nde?]
 8 LAN: =cal↑va:ni
 9 (.)
 10 BEN: <cassi:ni>
 11 (0.7)
 12 BEN: da:í:: tipo::,
 13 (0.8)

14 BEN: que eu tenho co:nta lá daí >tipo< eu não preciso (me preocupá
 15 [em pa:gá:]]
 16 CAR: [((espirro))]
 17 (man↑dado) (.) ((tosse))
 18 (0.5)
 19 BEN: É
 20 (0.5) ((carla suspira))
 21 → BEN: >e aí ele fa↑lô:< eu vou falá com a jaia porque ela >precisa
 22 fazê< um negó:cio >aí eu< bele:za
 23 (0.5)
 24 → BEN: a:í:: ele o:lhô >pra mim e falô< m- não dá: >daí eu< por↑que:
 25 (.)
 26 → BEN: >daí ela< olhô pra mim >e falô< porque eu não ↑que:ro
 27 (0.9)
 28 BEN: >daí eu< o↑lhei pro lázaro e o lázaro fez assim ó: ((ben faz
 29 sinal de “não sei” com as mãos))

Nas linhas 3 e 4, Benjamin produz “daí eu >falei<” e “>e daí ele falô<” para introduzir o DRD. Após breve suspensão da narrativa, a fim de resolver o reparo iniciado por LAN e levado a cabo pelo próprio BEN (linhas 7 a 10) com a resposta “<cassi:ni>”, na linha 10, Benjamin (linha 12) tenta retomar a narrativa (da:í:: tipo::,). Após ausência de fala de 0.8 segundo (linha 13), Benjamin dá sequência à narrativa, provendo mais explicações contextualizadoras (que eu tenho co:nta lá daí >tipo< eu não preciso (me preocupa [em pa:gá:]]) (linha 14). A retomada da narrativa é interrompida, novamente, nas linhas 16 e 17, quando Carla faz uma avaliação negativa: [((espirro))] (man↑dado) (.) ((tosse) sobre o que fora dito na linha 6 (>daí ele falô< só tem que falá [com a jaia]). Ainda, de forma responsiva à avaliação de Carla, Benjamin demonstra concordar com Carla ao prover “É”, (linha 19).

Na linha 21, quando o interagente consegue, finalmente, retomar a narrativa, ele produz novo prefácio “>e aí ele fa↑lô:<”. Interessantemente, é justamente o uso de “e” que cria o vínculo de retomada – retomada da narrativa que fora interrompida na linha 16 –, para, agora, introduzir o que Lázaro havia dito naquela situação (eu vou falá com a jaia porque ela >precisa fazê< um negó:cio, linhas 21 e 22). Na linha 22, ainda, “>aí eu<” é utilizado para prefaciá-lo do DRD do que Benjamin respondera ao amigo Lázaro (bele:za, linha 22). Entre as linhas 24 e 29, Benjamin produz uma nova expressão reportadora (>daí eu<, linha 24) e, para além

disso, uma sequência de ações reportadas, que também são prefaciadas por: a:í:: ele o:lhô >pra mim e falô< (linha 24), >daí ela< olhô pra mim >e falô< (linha 26) e, por fim, >daí eu< o:lhêi pro lázaro e o lázaro fez assim ó: (linha 28), quando se vê, não uma *fala* reportada, mas uma ação *corporificada* sendo reportada — ((ben faz sinal de “não sei” com as mãos)) —, linhas 28 e 29.

Esse excerto chama a atenção pelo fato de que, durante todo o progresso da narrativa, são utilizados os marcadores de sequencialidade “daí” e “aí”, responsáveis por introduzir ações reportadas na sequencialidade da narrativa. Esses marcadores, por fim, encontram-se atrelados às orações reportadoras responsáveis por introduzir o DR. O “tipo”, nas linhas 12 e 14, assim como os marcadores de sequencialidade “aí” e “daí”, também indica a presença de marcadores discursivos na construção da progressão da narrativa.

4.2 Discurso Reportado sem Introdução por Orações ou Palavras Reportadoras

Como mencionado na revisão de literatura, o discurso reportado (direto ou indireto) pode ou não ser precedido de orações reportadoras ou itens afins que cumpram o mesmo papel, dependendo da situação. Ainda, de acordo com Mathis e Yule (1994), conforme referido anteriormente, os DRs que não possuem itens prefaciadores foram categorizados como sendo quotativo-zero, ou seja, sem um item que os prefacie.

Nos dados analisados para este estudo, foram escassas as instâncias de quotativo-zero. Isso se deve ao fato de que, como se vê o último excerto, larga parte dos casos analisados têm, principalmente em narrativas, marcadores de sequencialidade que evidenciam o progresso de ações. Além disso, relacionando essa progressividade à mudança de alinhamento de Goffman (1981), podemos observar que tanto as mudanças na entonação e as produções de ações corporificadas são, assim como os itens prefaciadores do DR, modos de fazer com que os demais interagentes atentem a essas mudanças, tornando perceptível que se tratam de ações reportadas.

Na próxima interação, apresentada como Excerto 4, observa-se novamente uma narrativa feita por Benjamin. O adolescente conta para suas amigas sobre a surpresa que fizera no aniversário de quinze anos de sua ex-namorada, e sobre a reação inesperada da garota na ocasião.

Excerto 4 (transcrição A) – surpresa de quinze anos

1 LAN: que ma:[ssa]
 2 BEN: [e ela] chegô na saída assim com um sorriso
 3 e falô (.) †brigada te amo (.) me deu um beijo e eu
 4 fiquei >tipo<
 5 (.)
 6 LAN: oh[::~::~]
 7 BEN: [vai tomá no] CU ((mostra dedo do meio))
 8 (0.4)
 9 BEN: que EU QUERIA UM NEGÓCIO tipo {{imitando choro} meu deus cara
 10 .hhh foi maravilhoso:so: ma:no, a:i}
 11 (.)
 12 BEN: daí não era só isso {{imitando choro} aha:i brigada .hhh}
 13 (0.6)
 14 → BEN: Meu
 15 (0.5)
 16 → BEN: devolve hhh
 17 (.)
 18 → BEN: {{rindo} dá aqui}
 19 (0.9)
 20 → BEN: vou dá pra outra pessoa
 21 (2.1)
 22 BEN: sei lá

Retomando alguns fenômenos demonstrados anteriormente, entre as linhas 2 e 4, o interagente não apenas provê o contexto no qual o agradecimento por parte da ex-namorada ocorreu ([e ela] chegô na saída assim com um sorriso e falô (.) †brigada te amo (.) me deu um beijo), como, ao fazer isso, também reporta diretamente as ações da garota (chegô na saída assim com um sorriso, linha 2, me deu um beijo, linha 3) naquele momento (e falô (.) †brigada te amo, linha 3). Ainda nas linhas 3 e 4, Benjamin utiliza a oração reportadora “e eu fiquei >tipo<” para reportar seu pensamento naquele momento ([vai tomá no] CU, linha 7) e como um item introdutor do DRD. Isso é demonstrado por Benjamin, na linha 7, onde, finalmente, dá prosseguimento à sua fala – após a avaliação positiva de LAN na linha 6 (oh[::~::~]), que acaba não indo ao encontro do pensamento de Benjamin, em função do pensamento reportado em que ele expressa uma avaliação negativa ([vai tomá no] CU, linha 7).

Já nas linhas 9 e 10, Ben reporta, através de DRD, a expectativa do que gostaria que tivesse acontecido: que EU QUERIA UM NEGÓCIO tipo *{{imitando choro}}* meu deus cara .hhh foi maravilhoso: ma: no, a: i}, que fora introduzida pelo marcador discursivo “tipo” (linha 9). Na sequência, o adolescente avalia negativamente a reação de sua ex-namorada, reforçando a quebra de expectativa (daí não era só isso *{{imitando choro}}* aha: i brigada .hhh}, linha 12).

É da linha 14 até a 20 que nosso olhar analítico se volta neste momento, quando Benjamin reporta seus pensamentos: “meu”, “devolve hhh”, “*{{rindo}}* dá aqui”, “vou dá pra outra pessoa”. Esses pensamentos, além de reforçarem a avaliação negativa feita na linha 12 (daí não era só isso *{{imitando choro}}* aha: i brigada .hhh}), não possuem uma oração ou marcador que prefacie o reporte e, portanto, representa uma instância de quotativo-zero. .

O Excerto 5, a seguir, embora não ocorra dentro de uma narrativa, evidencia o reporte reflexivo (e avaliador) sobre algo que aconteceu imediatamente antes na interação, e ilustra a utilização do DR sem um item prefaciador e acontece enquanto as amigas Carla e Lana estão se arrumando, no banheiro, para sair.

Excerto 5 (transcrição H) – rímel bom

```

1 LAN: >qua[l< ríme:l? ] ((lan pega alguns produtos))
2 CAR: [não >ele é<] be:m ruim.
3 (. )
4 LAN: que rí:↑mel >>que tu tem<< que é ↑bo:m:?
5 (. )
6 CAR: °>esse<° é >maravilhoso<= ((car pega um produto))
7 → LAN: =eu be:m direta {{voz aguda}
8 → quero teu rímel bo::m}
9 (0.5)

```

Lana estava procurando um rímel de Carla que ela pudesse utilizar: >qua[l< ríme:l?] (linha 1). Após Lana pegar um dos produtos (linha 2), Carla informa a amiga de que aquele não é bom ([não >ele é<] be:m ruim.). Levando em consideração a avaliação da amiga, Lana (linha 4), pergunta diretamente: que rí:↑mel >>que tu tem<< que é ↑bo:m:?. Carla pega um de seus produtos e o avalia positivamente: °>esse<° é >maravilhoso< (linha 6). Por fim, recuperando

sua pergunta da linha 4 (que rí:↑mel >>que tu tem<< que é ↑bo:m:?), Lana usa de discurso reportado para uma ação bastante interessante: para avaliar, de forma reflexiva, sua assertividade (podemos observar, assim, a metacognição operando). Para isso, na linha 8, reporta, sem prefaciador de DR, sua fala anterior, mas agora em tom agudo (eu be:m direta {{voz aguda} quero teu rímel bo::m}).

4.3 Discurso Reportado com Mudanças de Alinhamento

Como apresentado na seção anterior, a mudança de alinhamento (GOFFMAN, 1981) concerne às mudanças em relação ao nosso modo de falar e de agir corporificadamente enquanto reportadores de algo. Nos dados analisados a seguir, são apresentados e discutidos alguns exemplos dessas mudanças de alinhamento por parte do interagente que reporta.

Imediatamente antes da interação que vemos no Excerto 6, Lana e Carla conversavam sobre maquiagem (estão se maquiando para sair) quando Carla, de repente, lembra-se de que ficou com o pó compacto de sua amiga Lisbela e acabou quebrando-o. Juntamo-nos à interação no momento em que a adolescente reporta um cenário hipotético no qual Lisbela a confrontaria sobre o paradeiro do pó compacto.

Excerto 6 (transcrição F) – pó perdido

((linhas omitidas))

1 CAR: eu ↑nem vou devolvê pra ela e::la se ela >ficá
 2 → tipo< me::u: ca↑dê: eu >vou ficá >>tipo< me::u
 3 → talvez ficô <lá em ca::sa>
 4 (0.4)
 5 CAR: aí eu vou entregá pra ela e vou sair {{hhh}corre::ndo}
 6 (0.4)
 7 LAN: Hãhãhã

Nas linhas 1 e 2, Carla utiliza as orações reportadoras: se ela >ficá tipo< e eu >vou ficá >>tipo< para introduzir o DR do que Lisbela produziria e como Carla responderia na situação em questão. Ao fazer isso, é aparente que sua fala fica mais alongada: me::u: (linha 2) e sofre alteração na entonação: ca↑dê:/ca::sa

(linhas 2 e 3). Isso demonstra, entre outras coisas, que Carla estava ciente sobre estar interpretando diferentes papéis no diálogo hipotético que estava reportando, por isso ela modula sua voz para reportar as duas falantes diferentes.

No Excerto 7, assim como no exemplo anterior, a interagente Carla está atenta ao fato de estar “interpretando” o papel de outra pessoa enquanto reporta algo e, por isso, modula sua voz. Nesse exemplo, Carla conta para Lana sobre como sua cabeleireira a incentivou a não fazer nenhum tratamento químico em seu cabelo, pois, ela mesma, na idade de Carla, o fez e acabou se arrependendo.

Excerto 7 (transcrição G) – cabelo lindo

```

1   CAR:  ela falô: que >tipo< no- na: ho:ra: >>(tu vai)<<
2 →      {{voz aguda} ME:U DE:US LI::NDO}
3        (.)
4 → CAR:  ma::s depois de um te::mpo >ela ficô< >>tipo<<
5        .hhh .hhh ((CAR mexe cabeça e arregala olhos))
6        (.)
7        {{voz de desespero} °>meu deus que que eu fa:ço<°}
8        (1.7)
9   LAN:  m::: >>tem (que) cuida né::<<

```

Na linha 1, Carla produz uma sentença inteira como introdução para o reporte da fala da cabeleireira: *ela falô: que >tipo< no- na: ho:ra: >>(tu vai)<<*. Em seguida, Carla produz sua fala em tom mais agudo, como indicado na linha 2 com “{{voz aguda} ME:U DE:US LI::NDO}”, e perceptivelmente em volume mais alto (representado em caixa alta).

Seguindo sua narrativa, na linha 4, a jovem faz uso da oração reportadora “>ela ficô<” e do marcador discursivo “>>tipo<<”, além de suspirar (.hhh .hhh) e demonstrar corporificadamente a reação da cabeleireira com o que parece uma “cara de susto” — ((CAR mexe cabeça e arregala olhos)), linha 5 —, para reportar o que acontecera em seguida: {{voz de desespero} °>meu deus que que eu fa:ço<°} (linha 7). Esse reporte é igualmente marcado por uma alteração na voz de Carla, indicando uma mudança significativa na voz, de forma a combinar com a que fora produzida originalmente.

O extrato da transcrição A (Excerto 8, a seguir), que já foi visto anteriormente na seção 4.2, mas com outro foco, é mais um exemplo de como os reportadores

demonstram sua atenção ao fato de estarem reportando algo tentando assemelhar a forma de reprodução atual ao contexto e à forma de reprodução original ou hipotética.

Excerto 8 (transcrição A) – surpresa de quinze anos

- 1 → BEN: que EU QUERIA UM NEGÓCIO tipo *{{imitando choro}}* meu deus cara
 2 .hhh foi maravilho:so: ma:no, a:i}
 3 (.)
 4 → BEN: daí não era só isso *{{imitando choro}}* aha:i brigada .hhh}

Nas linhas 1 e 2, Benjamin reporta a expectativa que tinha sobre a reação de sua ex-namorada, reproduzindo uma voz chorosa (*{{imitando choro}}* meu deus cara .hhh foi maravilho:so: ma:no, a:i}). Semelhantemente, na linha 4, o jovem reporta o que realmente foi dito — quebrando sua expectativa — modulando sua voz novamente de forma a assemelhá-la à da falante original (daí não era só isso *{{imitando choro}}* aha:i brigada .hhh}).

4.4 Pensamentos Reportados

O pensamento reportado é, de forma semelhante ao discurso reportado, uma maneira de reportar o que o falante atual ou outra pessoa pensou ou deve ter pensado (em um cenário hipotético passado ou futuro, dependendo do contexto interacional) no momento atual de fala. Com base nos dados, esses pensamentos reportados são geralmente utilizados em narrativas para expressar um sentimento, fazer um juízo de valor ou, até mesmo, complementar a contextualização de um acontecimento, como será mostrado na análise dos excertos concernentes a esta seção.

A transcrição A (Excerto 9), que já foi apresentada anteriormente no Excerto 4 (seção 4.2) e Excerto 8 (seção 4.3) para pontuar fenômenos diversos, diz respeito à surpresa que Benjamin fez à sua ex-namorada. No Excerto 9, a parte na qual o adolescente faz suas avaliações sobre a reação da menina, naquele contexto, serão avaliadas considerando sua categorização como pensamentos reportados.

Excerto 9 (transcrição A) – surpresa de quinze anos

1 BEN: foi foda
 2 (0.6)
 3 LAN: que ma:[ssa]
 4 BEN: [e ela] chegô na saída assim com um sorriso e falô (.)
 5 †brigada te amo (.) me deu um beijo e eu
 6 e eu fiquei >tipo<
 7 (.)
 8 LAN: oh[:::::]
 9 BEN: [vai tomá no] CU ((mostra dedo do meio))
 10 (0.4)
 11 BEN: que EU QUERIA UM NEGÓCIO tipo {{imitando choro} meu deus cara
 12 .hhh foi maravilho:so: ma:no, a:i}
 13 (.)
 14 BEN: daí não era só isso {{imitando choro} aha:i brigada .hhh}
 15 (0.6)
 16 → BEN: Meu
 17 (0.5)
 18 → BEN: devolve hhh
 19 (.)
 20 → BEN: {{rindo} dá aqui}
 21 (0.9)
 22 → BEN: vou dá pra outra pessoa
 23 (2.1)
 24 BEN: sei lá

Após Benjamin, nas linhas 4 e 5, contextualizar como ocorreu o episódio e qual foi a reação da adolescente e reportá-la ([e ela] chegô na saída assim com um sorriso e falô (.) †brigada te amo (.) me deu um beijo), ele reporta, prefaciando com uma oração reportadora (e eu fiquei >tipo<) o seu sentimento/pensamento — como uma avaliação negativa — ([vai tomá no] CU) em relação à reação da menina (veja-se linhas 6-7). Ainda, nas linhas 18, 20 e 22, o adolescente reforça a avaliação negativa e reporta (sem qualquer prefaciador) outros pensamentos: devolve hhh, {{rindo} dá aqui} e vou dá pra outra pessoa.

No Excerto 10, a seguir, Benjamin conta às suas amigas, Lana e Carla, sobre um fato que ocorrera na casa de Jaia enquanto ela realizava um evento para seus amigos/as.

Excerto 10 (transcrição E) – “selinho”

1 BEN: >tipo<
 2 (.)
 3 ela: >deu uma< daquelas duas socia:is que ela fez >lá na casa<
 4 de:la:
 5 >tipo< num di:a >e dep[ois< no outro] tam↑bé:m
 6 CAR: [si:m]
 7 (.)
 8 BEN: no segundo dia eu tava bem de boa comendo com o élio: o::: (.)
 9 galva:ni
 10 (0.4)
 11 → BEN: a:í >tipo:< (.) be↑le:za >>daí eu tava lá- daí ela chegô junto
 12 me deu um seli:nho<< eu fiquei >tipo< e daí o lázaro olhô pra
 13 mim >tipo<
 14 (0.5) ((ben vira p/ car enqto. relaxa os ombros))

Entre as linhas 1 e 9, Benjamin contextualiza o local e momento em que a situação ocorrera. Na linha 8, o adolescente reporta — através de uma ação reportada — que “tava bem de boa comendo com o élio: o::: (.) galva:ni”. Seguindo essa lógica “de boa” que indica que tudo estava normal, Benjamin reporta seu pensamento — prefaciado pela oração reportadora “a:í >tipo:<” (linha 11) — “be↑le:za” (linha 11), reforçando que estava realmente tranquilo. Esse pensamento reportado, como indicam os turnos que seguem, torna-se relevante pelo fato de que ele marca a ruptura entre o momento em que estava tudo “beleza” até o momento em que Jaia “chega junto” e dá um selinho no garoto (>>daí eu tava lá- daí ela chegô junto me deu um seli:nho<<, linhas 11-12).

Assim como o Excerto 10, o Excerto 11 se trata de um fragmento da mesma interação apresentada — podendo ser consultada na transcrição E da seção B de anexos — anteriormente. Nesse trecho, Benjamin repete a história de forma a consertar um início de reparo realizado, por Lana, anteriormente na interação.

Excerto 11 (transcrição E) – “selinho”

1 BEN: (tá e:) (.) >tipo< tava todo mundo lá ↑de:ntro, daí tava eu e
 2 o élio lá
 3 fora conversa:ndo >daí ela< chegô lá e me deu um se↑linho
 4 (1.8)

5 CAR: °que imbeci:l°
6 (1.1)
7 BEN: che[gô ass†i:m,] oi daí eu falei o:i >e daí ela fez
8 assim ó<
9 CAR: [°°que i:sso:°°]
10 (0.5) ((ben faz bico com a boca))
11 → BEN: >daí eu< ué: >daí e:u< fiz assim (.) ((ben faz bico com a boca))
12 >daí ela< me deu um seli:nho
13 (0.5)

Durante a narrativa do garoto, nas linhas 5 e 9, Carla faz duas avaliações negativas — “°que imbeci:l°” e “°°que i:sso:°°”, respectivamente. Após o adolescente demonstrar, por meio de uma ação corporificada, o “bico” que Jaia fizera para beijá-lo (linha 10), na linha 11, ele reporta — através da oração reportadora “>daí eu<” — seu pensamento naquele momento: “ué:”.

4.5 Ações Reportadas

As ações reportadas são outro item que se repete sucessivamente nas narrativas feitas pelos interagentes nas interações analisadas. Como instanciadas a seguir, essas ações reportadas são responsáveis por marcar a sequencialidade dos acontecimentos reportados, assim como gerar um contexto e uma representação mais detalhada dos fatos que ocorreram em outros momentos.

No trecho do Excerto 12, ainda fazendo uso da transcrição A, Benjamin conta, em detalhes, como preparou a surpresa de aniversário para sua ex-namorada. São justamente os detalhes, descritos através de ações reportadas dentro da narrativa do garoto, que nos interessam nesta seção.

Excerto 12 (transcrição A) – surpresa de quinze anos

1 BEN: eu peguei e eu comprei um tênis da hans todo branco
2 °que ela queria°
3 (.)
4 BEN: aí eu peguei uma: ro:sa:,
5 (0.4)
6 BEN: >de plástico< né se botasse outra ia:: [murchá] o negócio
7 ia ficá bem escroto

8 LAN: [hmhm]
 9 (.)
 10 → BEN: uma rosa >de plástico< ver↑melha e botei no meio tipo que era
 11 → pra dá um destaque as↓sim e botei na cai:xa:, eu botei o
 12 → papel (.) que era o::- (.)branco co::m umas rosas também=
 13 LAN: =aham
 14 → BEM: e eu bote::i, e daí
 15 (0.4)
 16 BEN: e ela ia pra educação física=
 17 LAN: =°°ã°°
 18 (0.5)
 19 BEN: e aí eu (.) pedi lá na secretaria, que a irmã dela trabalha na
 20 Secretaria pra botá em cima da mesa dela quando ela chegasse
 21 e fiz uma:=
 22 LAN: =que a[mo:r]
 23 BEN: [carta]

Na linha 1, o adolescente começa a contar o que ele fez para “montar” a surpresa especial para a menina. O primeiro exemplo de ação reportada é encontrado ainda na linha 1 — “eu peguei e eu comprei”, detalhando o início da montagem da surpresa (que começa com a compra de um tênis que a adolescente queria). Na continuidade da narrativa de Benjamin, na linha 4, é encontrado o segundo exemplo: “peguei uma: ro:sa:,” e, nas linhas 10, 11 e 12, após algumas informações sobre a surpresa e algumas ausências de fala, encontramos os outros exemplos: “botei no meio”, “botei no meio” e “botei o papel”, além de “e eu botei”, na linha 14.

O Excerto 12 demonstra a sequencialidade das ações reportadas por Benjamin que correspondem aos preparativos que antecederam a surpresa em si. Os marcadores de sequencialidade “daí” e “aí” presentes na narrativa — linhas 4 (aí), 14 (e daí) e 19 (e aí) —, aliados às ações reportadas mencionadas anteriormente, também cumprem seu papel na progressividade da interação.

No próximo excerto (Excerto 13) — visto amplamente na seção 4.1, Excerto 3 —, assim como no analisado anteriormente, a reportabilidade das ações também demonstra a sequencialidade e o detalhamento da narrativa. No Excerto 13, um fragmento da transcrição D, Benjamin conta a suas amigas sobre o dia em que iria almoçar com Lázaro.

Excerto 13 (transcrição D) – “daí ele falô”

1 BEN: >e aí ele fa↑lô:< eu vou fala com a jaia porque ela >precisa
 2 fazê< um negó:cio >aí eu< bele:za
 3 (0.5)
 4 → BEN: a:í:: ele o:lhô >pra mim e falô< m- não dá: >daí eu< por↑que:
 5 (.)
 6 → BEN: >daí ela< olhô pra mim >e falô< porque eu não ↑que:ro
 7 (0.9)
 8 → BEN: >daí eu< o↑lhei pro lázaro e o lázaro fez assim ó: ((ben faz
 9 sinal com as mãos))

Na linha 1 e 2, Benjamin reporta de forma direta, prefaciando o DR com a oração reportadora “>e aí ele fa↑lô:<”, o que Lázaro respondeu a ele com relação ao almoço: eu vou fala com a jaia porque ela >precisa fazê< um negó:cio. Ainda na linha 2, reporta — novamente através de uma oração reportadora (>aí eu<) — o que ele mesmo havia respondido a seu amigo: “bele:za”.

Da linha 4 até a linha 8, o adolescente inclui à narrativa uma sequência de eventos detalhados reportada por ações — como visto na análise do excerto anterior. Na linha 4, Benjamin reporta a ação de Lázaro “a:í:: ele o:lhô >pra mim e falô<”, anteriormente ao DR, como uma medida de adicionar ênfase e demonstrar fidelidade ao evento que está sendo reportado na narrativa. Isso acontece também, com a mesma função, na linha 6: >daí ela< olhô pra mim >e falô<, e na linha 8: >daí eu< o↑lhei pro lázaro. Esses turnos contam, ainda, com a inclusão dos marcadores de sequencialidade “aí” e “daí”, também presentes no excerto analisado anteriormente, assim como o DR de Lázaro e Jaia.

O Excerto 14, no qual Benjamin conta à Lana e à Carla sobre o selinho que Jaia lhe dera, também conta com uma sequência de ações reportadas. Este excerto inclui, ainda, os marcadores de sequencialidade “aí” e “daí”, além do DR feito por Benjamin reportando Jaia e ele mesmo em uma situação anterior.

Excerto 14 (transcrição E) – “selinho”

1 BEN: (tá e:) (.) >tipo< tava todo mundo lá ↑de:ntro, daí tava eu e
 2 o élio lá
 3 → fora conversa:ndo >daí ela< chegô lá e me deu um se↑linho
 4 (1.8)

- 5 CAR: °que imbeci:l°
6 (1.1)
7 → BEN: che[gô ass↑i:m,] oi daí eu falei o:i >e daí ela fez
8 → assim ó<
9 CAR: [°°que i:sso:°°]
10 (0.5) ((ben faz bico com a boca))
11 → BEN: >daí eu< ué: >daí e:u< fiz assim (.) ((ben faz bico com a boca))
12 >daí ela< me deu um seli:nho

Nas linhas 1, 2 e 3, Benjamin começa reportando ações a fim de contextualizar o cenário no qual ocorreram os fatos que está narrando para Lana e Carla — “tava todo mundo lá ↑de:ntro, daí tava eu e o élio lá fora conversa:ndo”. Em seguida, ainda na linha 3, ele reporta a ação de Jaia que “chegô lá” e “deu um se↑linho” no amigo. Após a avaliação negativa de Carla — “°que imbeci:l°” — na linha 5, Benjamin detalha ainda mais o ocorrido, reportando não somente o DR representado pelo par adjacente “oi” e “o:i” (ambos na linha 7), como também reportando as ações realizadas por Jaia “che[gô ass↑i:m,]”, na linha 7 e “>e daí ela fez assim ó<”, nas linhas 7 e 8, estendendo-se até a linha 10, em que Benjamin encena corporificadamente o movimento feito por Jaia “((ben faz bico com a boca))”. Após reportar seu pensamento, na linha 11 — “ué:” —, o adolescente reporta sua ação (novamente corporificada) de fazer um “bico” — ((ben faz bico com a boca)), linha 11 — e a ação responsiva de Jaia de “dar um selinho” (>daí ela< me deu um seli:nho, linha 12).

4.6 Colaboratividade na Construção de Narrativas e Discurso Reportado

Como previamente mencionado, Goodwin (2006) atenta para o fato de que a colaboração e a coparticipação entre interagentes são imprescindíveis nas interações. Através da análise de como coparticipantes interagem na construção de uma narrativa ou de um discurso reportado (ou de sua atenção para tal), conseguimos apontar diferentes fenômenos. Alguns desses fenômenos consistem no início de reparo — quando há um mal entendido interacional que precisa ser reparado —, uma tentativa de formulação — em que o interlocutor sugere uma possível completude para o turno anterior —, etc. Tanto Goodwin (2006) como Holt

(2007) apontam que a co-construção que ocorre entre interagentes é essencial, visto que é o ponto de partida para fazer com que a interação se desenrole.

No Excerto 15, a paciente traz à agenda da consulta uma preocupação com o fato de que, quando as mães sentem muita azia durante a gravidez, é em função do crescimento de cabelo do bebê — fato que, segundo ela, na linha 1 “>ô: doutora< me disseram que::,”), lhe foi apontado por terceiros.

Excerto 15 (transcrição C) – azia

1 PAC: >ô: doutora< me disseram que::,
 2 (1.8)
 3 PAC: quando o nenê::mãã::,
 4 (.)
 5 PAC: que a gente tem a:↑zia quando cre:sce o cabelinho >da
 6 criança< da- é essa: é verda- [↑ba imagina (.) ha:ha:]
 7 MED: [a::::::::::i::::: não é a]ssim
 8 PAC: .hhh
 9 (.)
 10 PAC: eu- pois é::, eles falam muita besteira pra ↑ge::nte
 11 (0.4)
 12 PAC: >daí eu disse assi:m<,
 13 (0.8)
 14 PAC: ↑a: então a minha não vai tê cabe:lo, (.) eu não te:nho
 15 a↑zi:a
 16 (.)
 17 → MED: vai sê ↑careca entã:o
 18 (.)
 19 PAC: vai sê careca [entã:o]

Da linha 1 até a linha 6, a paciente expõe a informação que recebera de terceiros, utilizando um sujeito indeterminado “disseram”, na linha 1, e de uma locução pronominal (com a ideia de coletivo) “a gente”, na linha 5. É por meio dessas generalizações iniciais que a paciente constrói a lógica de que mulheres grávidas que têm azia, no geral, têm crianças “cheias de cabelo”.

Na linha 7, a médica, por sua vez, faz a avaliação negativa do que fora, até então, apresentado pela paciente no que diz respeito à azia que sente: [a::::::::::i::::: não é a]ssim. Após uma breve inspiração (.hhh), na linha 8, e uma

curta ausência de fala, na linha 9, a paciente se afilia à médica quando diz: *pois é::, eles falam muita besteira pra ↑ge::nte*, na linha 10.

A partir dali, mais especificamente na linha 12, a paciente inicia o processo de reportar o seu pensamento/processo lógico — através da oração reportadora “eu disse *assi:m<*,” — do que aconteceria com seu bebê, visto que ela não sente azia: *↑a: então a minha não vai tê cabe:lo, (.) eu não te:nho a↓zi:a*, linhas 14 e 15. Assim, a paciente constrói a formulação de que: “se eu não tenho azia, meu bebê nascerá sem cabelo”. A partir da formulação da paciente, a médica, na linha 17, seguindo o *reasoning* da paciente e, assim, co-construindo e se alinhando a ela, provê um *upshot* (*vai sê ↑careca entã:o*) que é confirmado, na linha 19, pela paciente (*vai sê careca [entã:o]*).

O Excerto 16, fragmento da transcrição A que, a este ponto, já foi extensivamente utilizado neste trabalho, traz, também, uma instância de co-construção por parte de um co-participante. Neste trecho, Benjamin conta para suas amigas sobre a carta que escrevera para a garota em questão (sua ex-namorada).

Excerto 16 (transcrição A) – surpresa de quinze anos

1 BEN: e aí eu (.) pedi lá na secretaria, que a irmã dela trabalha na
2 secretaria pra botá em cima da mesa dela quando ela chegasse
3 e fiz uma:=
4 LAN: =que a[mo:r]
5 BEN: [carta]
6 BEN: falando >tipo<
7 (0.4)
8 → LAN: que tu ama:va [e:la,]
9 BEN: [quanto] eu amava ela e: quanto ela era >tipo<
10 uma:: (.) mulher f- (.) especial e foda pra caralho

Na linha 4, Lana, mostra-se afiliada ao que está sendo narrado e realiza uma avaliação positiva da ação de Benjamin de escrever uma carta, profere: *=que a[mo:r]*. Na linha 6, Benjamin, por sua vez, prepara-se para reportar o que havia escrito na carta, utilizando o verbo “falar” junto com o marcador discursivo “tipo” (*falando >tipo<*). Em seguida, na linha 8, sua amiga Lana, colaborando tentativamente com o turno de Benjamin, diz “*que tu ama:va [e:la,]*”. A tentativa é confirmada na linha seguinte (linha 9), na qual o adolescente, além de confirmar o que fora dito por

Lana, faz uma formulação e um *upgrade* — utilizando “[quanto] eu amava ela”, em detrimento do que Lana sugerira “que tu ama:va [e:la,]”.

O Excerto 17 foi selecionado para integrar esta seção (concernente à colaboratividade na construção de DR e narrativas) porque, embora, de início, pareça um exemplo de colaboração — do ponto de vista de Benjamin —, acaba sendo marcado por outro fenômeno interacional. Este excerto, como visto anteriormente, trata-se da narrativa de um evento ocorrido na casa de Jaia.

Excerto 17 (transcrição E) – selinho

1 BEN: a:í >tipo:< (.) be↑le:za >>daí eu tava lá- daí ela chegô junto
 2 me deu um seli:nho<< eu fiquei >tipo< e daí o lázaro olhô pra
 3 mim >tipo<
 4 (0.5) ((ben vira p/ car enqto. relaxa os
 5 ombros))
 6 → LAN: <como é que é:??>
 7 (.)
 8 BEN: é:
 9 (.)
 10 LAN: >que que acontece:u<?
 11 (.)
 12 CAR: [ela te] deu um se↑li:nho
 13 BEN: [tu tava]
 14 (.)
 15 BEN: {{voz aguda} é::??}
 16 (.)
 17 LAN: [a ↑ja:ia:??]
 18 CAR: [porque?]
 19 (.)
 20 BEN: é:

Entre as linhas 1 e 5, Benjamin narra o acontecimento principal do dia em questão. O jovem termina seu turno com o início de uma ação reportada — ((ben vira p/ car enqto. relaxa os ombros)), linha 5 —, prefaciada por uma oração reportadora (e daí o lázaro olhô pra mim >tipo<, linhas 2 e 3) em conjunto com o marcador discursivo “>tipo<”, na linha 3. Em seguida, como mencionado acima, o adolescente produz uma ação corporificada que corresponderia à reação de Lázaro naquele momento. Posteriormente, na linha 6, Lana profere: <como é que é:??>, turno que, mais tarde, é visto por Benjamin como uma possível colaboração de

Lana, em que ela estaria expressando em palavras a reação de Lázaro. Tal “colaboração” é confirmada por Benjamin, na linha 8: é:.

Contudo, o turno produzido por Lana, na linha 6, não se trata de uma tentativa de colaboração, mas sim de iniciação de reparo (IR doravante). A IR é reformulada por Lana, nas linhas 10 e 12 — >que que acontecece:u<?” e “[ela te] deu um se↑li:nho”, respectivamente — após a confirmação da até então tentativa de colaboração de Benjamin (é:, linha 8), que não se orientou para aquilo como uma IR, mas como uma colaboração por parte de Lana.

Em seguida, responsivamente ao turno de Lana na linha 12, Benjamin confirma, na linha 15: “{{voz aguda} é::?” e, em resposta ao pedido de confirmação de Lana na linha 17 ([a ↑ja:ia:?]), confirma novamente na linha 20: “é:”. Embora pareça uma atividade colaborativa, trata-se, na realidade, de uma sequência de reparos de entendimento e confirmações.

Da mesma forma que o excerto anterior, o Excerto 18 é trazido aqui à discussão não por ser um exemplo de colaboração, mas sim, para demonstrar como os/as interagentes se orientam ao fato de que a colaboração é importante. Neste excerto, Carla faz uma construção hipotética no caso de Lisbela confrontá-la com o desaparecimento de seu pó compacto perdido.

Excerto 18 (transcrição F) – pó perdido

((linhas omitidas))

1 → CAR: eu ↑nem vou devolvê pra ela e::la se ela >ficá
 2 → tipo< me::u: ca↑dê: eu >vou ficá >>tipo< me::u
 3 → talvez ficô <lá em ca::sa>
 4 (0.4)
 5 CAR: aí eu vou entregá pra ela e vou sair {{hhh}corre::ndo}
 6 (0.4)
 7 LAN: Hãhãhã

Da linha 1 à linha 3, Carla constrói, reportando o discurso hipotético utilizando o verbo “ficar” juntamente ao marcador discursivo “tipo” — “se ela >ficá tipo<”, linhas 1 e 2 e “eu >vou ficá >>tipo<”, na linha 2 —, o diálogo que teria com Lisbela caso houvesse o confronto (eu ↑nem vou devolvê pra ela e::la se ela >ficá tipo< me::u: ca↑dê: eu >vou ficá >>tipo< me::u talvez ficô <lá em ca::sa>). Nessa construção, a adolescente muda de alinhamento

(alterando entonação, alongamento das palavras, etc.) para corresponder cada DR com uma das falantes hipotéticas (ela — me::u talvez ficô <lá em ca::sa — e Lisbela — me::u: ca↑dê:); fazendo, assim, um diálogo colaborativo, no qual cada turno hipotético reportado depende do anterior para ser proferido.

Esse é, também, um bom exemplo da metacognição presente na fala-em-interação — mais especificamente ao que diz respeito ao seu formato, que opera na inteligibilidade da narrativa para o coparticipante. Carla se atenta ao fato de que esse diálogo tem uma relação de “causa e consequência”, construindo um diálogo colaborativo similar ao que acontece/aconteceria na vida real.

4.7 Discurso Reportado com Ações Corporificadas

Como aponta Goodwin (2006), e conforme apresentado na revisão de literatura, a narrativa — e o DR — não são construídos apenas com segmentos de fala, mas também por meio de ações corporificadas que envolvem, não somente reações faciais, como também outros recursos semióticos que configuram como agimos e nos comunicamos. Essas ações corporificadas são tão relevantes quanto os segmentos de fala em si.

Os recursos corporificados utilizados pelos participantes, no que diz respeito à preparação, ápice e retração dos movimentos corporificados — conforme tabela e item 5 do anexo B — serão analisados considerando sua temporalidade — onde iniciam e onde terminam —, em sincronia com a fala do interagente em questão no momento em que o recurso multimodal é acionado. A transcrição multimodal (MONDADA, 2014; 2018) estará disposta logo abaixo da transcrição da fala do interagente, sendo também sinalizada na transcrição de fala, com o símbolo do participante no local em que a conduta corporificada inicia e termina. Quando os interagentes produzirem ações corporificadas enquanto o turno de outro participante está em curso, a linha que contém a transcrição multimodal contará com a sigla (em letras minúsculas) do nome do interagente que produz a ação.

Além disso, só serão transcritos a partir das convenções propostas por Mondada (2014; 2018) os recursos corporificados que interessam à análise da seção 4.7, em detrimento dos excertos inteiros. Ademais, os excertos que apresentarem transcrição multimodal, mesmo que já tenham sido utilizados anteriormente neste trabalho, só aparecerão transcritos de acordo com Mondada

(2014; 2018) na seção 4.7 do capítulo 4. Sendo assim, constarão, na seção de anexos, tanto as transcrições que marcam recursos corporificados (MONDADA, 2014; 2018) e de fala, quanto as que apresentam apenas convenções Jeffersonianas (JEFFERSON, 2004).

No Excerto 19, Carla conta à sua amiga Lana, como visto anteriormente no Excerto 7 (seção 4.3), a reação de sua cabeleireira na época em que ela havia pintado o cabelo.

Excerto 19 (transcrição G1) – cabelo lindo

```

1 CAR:  ela falô: que >tipo< no- na: ho:ra: >>(tu vai)<<
2      {{voz aguda} ME:U DE:US LI::NDO}
3      (.)
4 CAR:  ma::s depois de um te::mpo >ela ficô< >>tipo<<
5  →   ^.hhh^ ^.hhh^
        ^mexe cab.^mexe cab.^arreg. olhos^
6      (.)
7  →   {{voz de desespero} ^°>meu deus que^ que eu fa:ço<°}
        ^.....^olha espe. c/ olho arreg.--->
8  →   (1.7)^
        ,,,,,->^
9 LAN:  m::: >>tem (que) cuida né::<<

```

Carla produz, nas linhas 2 e 7, respectivamente, os seguintes DRs: “{{voz aguda} ME:U DE:US LI::NDO}” e “{{voz de desespero} °>meu deus que que eu fa:ço<°}”, ambos alterando a entonação da/e a voz (mudando seu alinhamento) de forma a reproduzir a voz de sua cabeleireira, que estava sendo reportada na situação em questão.

Além disso, antes de reportar diretamente a fala de sua cabeleireira, nas linhas 5, 7 e 8, a adolescente reproduz, corporificadamente, a expressão feita pela cabeleireira no momento original de fala. Carla, ao reproduzir tal expressão, aspira audivelmente (linha 5) e encara o espelho com uma cara de susto (linhas 7 e 8). Essa ação corporificada é prefaciada pela oração reportadora “>ela ficô<” e pelo marcador discursivo “>>tipo<<”, ambos na linha 4.

Pode-se arguir, então, pela forma como ações e discurso são reportados em sequência, como se fossem uma “encenação”, que a adolescente tenta reconstruir a reação e fala de sua cabeleireira naquele momento. Levando em consideração a

maneira como Carla reporta o que fora proferido e feito por sua cabeleireira, ela torna tais ações relevantes interacionalmente.

No Excerto 20, previamente analisado com outro foco, Benjamin narra os acontecimentos de um dia em que ele, teoricamente, almoçaria com seu amigo Lázaro. Este trecho da transcrição D1 (anexo C) é marcado por várias ações reportadas, assim como, ao final, por uma ação corporificada.

Excerto 20 (transcrição D1) – “daí ele falô”

1 BEN: >e aí ele fa↑lô:< eu vou fala com a jaia porque ela >precisa
 2 fazê< um negó:cio >aí eu< bele:za
 3 (0.5)
 4 BEN: a:í:: ele o:lhô >pra mim e falô< m- não dá: >daí eu< por ↑que:
 5 (.)
 6 BEN: >daí ela< olhô pra mim >e falô< porque eu não ↑que:ro
 7 (0.9)
 8 BEN: >daí eu< o↑lhei pro lázaro e o lázaro fez assim ó:
 9 → LAN: *eu ↑sou* assim com os meus melhores amigos?=
 ben *.....*sinaliza c/ mãos----->
 10 → CAR: =não.*
 ben //////////////*
 11 (1.3)

Figura 1 – Captura de vídeo do Excerto 20



Fonte: Elaborada pela autora.

O adolescente narra, entre as linhas 1 e 6, a sequência de eventos que envolviam: o pedido de permissão de Lázaro a Jaia (>e aí ele fa↑lô:< eu vou fala com a jaia porque ela >precisa fazê< um negó:cio, linhas 1 e 2); a confirmação feita por Benjamin (bele:za, linha 2); a recusa de Lázaro (não dá:, linha 4); seu questionamento a Lázaro (por ↑que:, linha 3); a resposta que Jaia deu a ele (porque eu não ↑que:ro, linha 6).

Ao final da narrativa da sequência de eventos, Benjamin demonstra, corporificadamente, a reação de Lázaro àquela resposta de Jaia. Benjamin detalha ainda mais os acontecimentos, reportando sua ação naquele momento — “>daí eu< o↑lhei pro lázaro”, linha 8 —, além de incluir, corporificadamente, a reação de Lázaro, nas linhas 9 e 10 (figura 1) — algo como um sinal de “não sei” com as mãos —, até o final do excerto, enquanto Lana faz uma pergunta a seus amigos (linha 9) e Carla responde (linha 10).

No Excerto 21, ainda sobre o evento em que Benjamin vai à casa de Jaia, tem-se outro exemplo de ação corporificada.

Excerto 21 (transcrição E1) – “selinho”

```

1  BEN:  no segundo dia eu tava bem de boa comendo com o élio: o::: (.)
2         galva:ni
3         (0.4)
4  BEN:  a:í >tipo:< (.) be↑le:za >>daí eu tava lá- daí ela chegô junto
5         me deu um seli:nho<< eu fiquei >tipo< e daí o lázaro olhô pra
6         mim >tipo<
7  →     *(0.5)
         *relaxa ombros e olha p/ car-->>

```

Entre as linhas 1 e 6, o adolescente descreve, através de ações reportadas — conforme focado no Excerto 14 da seção 4.5 — “eu tava bem de boa comendo”, linha 1; “eu tava lá- daí ela chegô junto me deu um seli:nho<<”, linhas 4 e 5; e “eu fiquei >tipo<”, linha 5. Após a última ação reportada (e daí o lázaro olhô pra mim >tipo<, linhas 5 e 6), — que inclui o marcador de sequencialidade “daí” —, e através do prefácio de ação reportada “tipo” (linha 7), Benjamin encena a ação corporificada de Lázaro (relaxa ombros e olha p/ car). Nesse momento, o jovem se vira para a amiga Carla — uma das pessoas para quem está narrando a história — enquanto relaxa os ombros, como se demonstrando decepção, de alguma forma.

Assim como nos excertos anteriores desta mesma seção, acreditamos que a reprodução da ação corporificada de Lázaro seja uma forma de tornar a encenação do evento reportado o mais real possível, se comparada com os fatos ocorridos originalmente.

No Excerto 22, ainda um trecho da transcrição E, como no Excerto 21, supracitado a este, Benjamin demonstra mais duas ações corporificadas durante sua narrativa. Na segunda vez em que conta a narrativa, a fim de resolver o início de reparo feito por Lana (Excerto 3, seção 4.1; Excerto 11, seção 4.4 e Excerto 17, seção 4.6), ele demonstra corporificadamente as duas ações que levaram ao “selinho”, foco principal da narrativa.

Excerto 22 (transcrição E2) – “selinho”

```

1  BEN:  che[gô ass↑i:m,   ] oi daí eu falei o:i >e daí ela fez
2          assim ó<
3  CAR:   [°°que i:sso:°°]
4  →      *(0.5)*
        ben  *bico com a boca*
5  → BEN:  >daí eu< ué: >daí e:u< fiz assim *(.)* >daí ela< me deu
        *bico com a boca*
6          um seli:nho

```

Na linha 4, introduzida pelo marcador de sequencialidade “daí” (na linha 1) aliado à oração reportadora das linhas 1 e 2, “ela fez assim ó<”, Benjamin faz um “bico”, representando a ação de Jaia. Na linha 5, introduzida pelo marcador de sequencialidade “daí” aliado à oração reportadora “e:u< fiz assim” (também na linha 5), Benjamin reproduz outro “bico”, representando sua própria ação. Por suposição, ao utilizar as ações corporificadas para demonstrar as ações originais que ocorreram naquele evento, Benjamin parece estar tentando esclarecer e tornar visível o modo com o “selinho” aconteceu.

Concluídas as análises, no capítulo seguinte, de discussão, serão apresentadas as conclusões da análise dos dados. Ademais, será oferecida, também, uma visão geral dos conceitos pertinentes a este trabalho.

5 DISCUSSÃO

Como apresentamos na Introdução, este trabalho se propôs a investigar o uso do discurso reportado em narrativas. A análise de dados foi conduzida por meio da perspectiva da Análise da Conversa Multimodal, enfatizando as ocorrências em que o DR desempenha papel central nas narrativas.

A partir das análises realizadas, foram encontrados, nos dados, fenômenos e indícios que remetem e que respondem às questões referidas nos objetivos iniciais deste estudo. Isto posto, a seguir, além de sistematizarmos os achados provenientes desta pesquisa, apontaremos a sua contribuição e relevância para os estudos na área da AC Multimodal e da Linguística (Aplicada).

Com exceção do excerto 5 (seção 4.2), todos os outros excertos se dão em contexto de narrativas. Embora não “narre”, o excerto em questão contém um reporte reflexivo sobre algo que acabara de ocorrer na própria interação e que é topicalizado por uma das interagentes. Dessa forma, se torna relevante pelo fato de reportar para refletir sobre algo que foi feito na própria interação. É importante mencionar isso, visto que este trabalho se propõe, também, a analisar os fenômenos recorrentes dentro delas. Pelo fato da quantidade de fenômenos inerentes à narrativa, acabamos por nos ater mais a eles do que ao próprio ato de narrar, tornando esse aspecto da análise (que é a base, já que os dados utilizados emergiram de situações de narrativas) um fator “pricipiador”, não necessariamente um foco analítico.

Ao longo da análise, percebemos que existem consideravelmente mais instâncias de DR prefaciado por algum item lexical. Dentre esses itens prefaciadores estão as orações reportadoras (“ela disse”, “daí eu disse”, “aí eu” e “então fala assim”), além de marcadores discursivos (“tipo”), a combinação e coocorrência de itens reportadores como marcadores de sequencialidade (“daí” e “aí”) com marcadores discursivos (“tipo”), como é o caso de “daí tipo”; e as orações reportadoras em conjunto com marcadores discursivos (“ela ficou tipo”). Os casos de quotativos-zero, como mencionado anteriormente, são mais escassos, sendo identificados em apenas duas interações (Excertos 4 e 5).

Além disso, é interessante observarmos como a mudança de alinhamento (GOFFMAN, 1981) ocorre na prática. Quando reportando a fala do outro, os interagentes modalizam suas vozes, alongando o som das palavras e alterando seu

volume, de modo a: (a) corresponder à produção do falante e da situação original, ou (b) imprimir determinados posicionamentos (dúvida, descrença, etc.), inclusive afetivos (como irritabilidade, desgosto, etc.). Assim, torna-se observável a atenção dos interagentes e reportantes à relevância interacional dessa prática. Outra prática fascinante, também levando em consideração a atenção dos participantes à relevância das práticas interacionais e do discurso reportado, foi observada durante a análise de dados: em um dos excertos, a interagente reporta sua própria fala (produzida em momento anterior da mesma interação) em um tom diferente do original, topicalizando-a e produzindo uma autoavaliação por meio dessa rerepresentação 'modalizada' de sua própria fala.

No que diz respeito aos pensamentos reportados, observamos por meio da análise que eles podem fazer avaliações negativas e/ou demonstrar desconforto ou estranheza diante de uma situação ou algo que fora reportado, por exemplo. O caráter avaliativo dos pensamentos reportados merece destaque, pois é capaz de desempenhar uma gama diversificada de ações dentro de uma narrativa, corroborando o interesse e a curiosidade em mapear, mais ainda, seu uso e o papel que cumpre em diversas situações interacionais.

As ações reportadas demonstram a importância e a atenção que os interagentes dão, ao narrarem um evento, à marcação de sequencialidade e progressividade da história. Os reportantes utilizam, frequentemente, marcadores de sequencialidade, de modo a apresentarem e a contextualizarem melhor a narrativa e seus detalhes, de acordo com a cronologia e a progressão dos fatos narrados. Tais ações reportadas estão, de certa forma, relacionadas às ações corporificadas produzidas ao longo das narrativas. Assim como as ações reportadas, as ações corporificadas atuam na construção e no esclarecimento de contexto, além de enfatizarem e demonstrarem ações realizadas por terceiros no contexto original de fala. A colaboratividade dos interagentes na composição de narrativas e do discurso reportado demonstra, igualmente, a atenção dos participantes à importância da co-construção na elaboração de significados, assim como para concretizar objetivos interacionais e de ação no mundo.

Faz-se importante mencionar que, durante a análise dos dados, foram identificados outros fenômenos interacionais que envolvem tanto as narrativas quando o DR. Um exemplo disso são os marcadores de sequencialidade "aí" e "daí" que foram frequentemente utilizados para marcar a progressão dos eventos nas

narrativas. Além disso, os dados que apresentavam pensamentos reportados e “reportes hipotéticos” também nos fizeram refletir sobre a prática e frequência de tais fenômenos. Acreditamos que seria de grande valia se tais manifestações fossem posteriormente analisadas a fim de cobri-las mais extensamente.

Por fim, como abordado na Introdução, estudos analíticos sobre fenômenos interacionais concernentes ao discurso reportado e às narrativas em português brasileiro ainda são escassos, se em comparação com contextos de outros países. Por isso, esperamos que este trabalho possa ter contribuído, por meio da descrição de tais fenômenos e das descobertas realizadas, para a área da Linguística Interacional e Aplicada no Brasil, assim como para a Análise da Conversa Multimodal no cenário nacional.

Apontamos aqui também que estudar o discurso reportado em interações naturalísticas no português brasileiro também apresenta uma importante contribuição para a área de ensino e aprendizagem de português brasileiro como língua materna ou segunda língua. Isso se dá especialmente porque a análise aqui desenvolvida desvela o fenômeno do discurso reportado não apenas em sua materialidade ‘linguística’ estrito senso, mas multimodal, o que se mostra como de fundamental interesse à essa área de conhecimento.

A seguir, a título de retomar e tornar os resultados obtidos através da realização deste trabalho mais visíveis, trazemos um quadro que os destaca:

Quadro 2: Quadro síntese

Fenômeno	Achados	Exemplos
Narrativas	Diz respeito ao contexto interacional escolhido para análise. É o meio no qual emergem os fenômenos observados neste estudo, em especial o DR.	-

Orações reportadoras	Nesse contexto, servem como prefaciadoras de DR.	“ela disse”, “ele disse”, “aí eu”, “então fala assim”, etc.
Marcadores discursivos	Os MDs também servem como prefaciadores de DR ¹ . Além de poderem prefaciar o DR “sozinhos”, podem vir acompanhados de orações reportadoras ² .	“tipo” ¹ . “ela ficou tipo” ² .
Marcadores de sequencialidade	Aparecem (junto com outros MDs) prefaciando o DR ¹ . São utilizados, ainda, para marcar a progressão de fatos contados durante narrativa ² .	“daí tipo” ¹ . “daí eu”, “daí ele olhou pra mim”, etc. ² .
Quotativos-zero	Representam os casos de DR que não vem prefaciado por qualquer item. Por vezes, são exemplo de pensamentos reportados ou hipotéticos.	Excertos 4 e 5, seção 4.2.
Mudança de alinhamento	Ocorre quando os interagentes alteram o som e o volume de suas vozes, assim como o alongamento de palavras na hora de reportar algo, de modo a corresponder ao falante/situação original. Essas alterações também servem para fazer um juízo de valor sobre o que está sendo reportado	“{{voz aguda} ME:U DE:US LI::NDO}” (excerto 7). “{{imitando choro} meu deus cara .hhh foi maravilho:so: ma:no, a:i}” (excerto 8). Ambos na seção 4.3.

<p>Metacognição</p>	<p>Fenômeno que pode ser visto operando sempre que os interagentes exploram seus pensamentos como fator de emersão, assim como quando topicalizam e avaliam/voltam sua atenção à própria forma (ou de outro) como disseram/dizem algo. É responsável pela construção do jeito/identidade dos interagentes.</p>	<p>“eu <u>be:m</u> <u>direta</u> {{voz aguda} quero teu rímel bo::m}” (excerto 5, seção 4.2).</p> <p>Excerto 18, seção 4.6.</p>
<p>Pensamentos reportados</p>	<p>São responsáveis por exprimir avaliações (positivas ou negativas) feitas pelo reportante durante o ato de reportar.</p>	<p>“[vai tomá no] CU”, “vou dá pra outra pessoa.” ambos no excerto 9, seção 4.4.</p> <p>“<u>ué:</u>” excerto 11, seção 4.4.</p>
<p>Ações reportadas</p>	<p>São responsáveis, também, por demonstrar a metacognição, ao que diz respeito à atenção que é dada, através da utilização das ações reportadas, à marcação de sequencialidade e progressividade da narrativa. Dessa forma, apresentam e contextualizam melhor a narrativa e seus detalhes.</p>	<p>“a:í:: ele o:lhô >pra mim e falô<”, “>daí ela< olhô pra mim >e falô<”, “>daí eu< o↑lhei pro lázaro e o lázaro fez assim ó:” ambos no excerto 3, seção 4.1.</p>

<p>Ações corporificadas</p>	<p>Também atuam na contextualização, construção e esclarecimento do contexto da narrativa. Demonstram, ainda, ações reais desempenhadas pelos interagentes da situação original do fato que está sendo reportado.</p>	<p>Excerto 22, seção 4.7.</p>
<p>Colaboratividade</p>	<p>Também é um fenômeno que representa a metacognição, visto que é como os interagentes co-constroem significados a fim de alcançarem objetivos interacionais (comuns).</p>	<p>Excertos 15, 16, 17 e 18, seção 4.6.</p>

Fonte: Elaborado pela autora com base na seção de discussão.

REFERÊNCIAS

- BOLDEN, G. The quote and beyond: defining boundaries of reported speech in conversational Russian. **Journal of Pragmatics**, v. 36, n. 6, p. 1071-1118, 2004.
- CLAYMAN, S. E. Displaying neutrality in television news interviews. **Social Problems**, p. 474–492, 1988.
- COULMAS, F. Direct and Indirect Speech. Berlin, Boston, **De Gruyter Mouton**. 1986.
- COUPER-KUHLEN, E.; SELTING, M. Interactional Linguistics: Studying Language in Social Interaction. **Cambridge University Press**, 2017.
- CRUZ, F. M. da et al. O trabalho técnico-metodológico e analítico com dados interacionais audiovisuais: a disponibilidade de recursos multimodais nas interações. **DELTA**, São Paulo, v. 35, n. 4, e2019350404, 2019. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502019000400403&lng=en&nrm=iso>. access on 19 May 2020.
- DE STEFANI, E.; MONDADA, L. L'organizzazione multimodale e interazionale dell'orientamento spaziale in movimento, **Bulletin suisse de linguistique appliquée**, vol. 85, p. 131-159, 2007.
- DUBOIS, B. L. Pseudoquotation in current English communication: “Hey, she didn't really say it”. **Language in Society**, v. 18, 1989.
- FETTERMAN, D. M. Walking in Rhythm: Anthropological Concepts. In: FETTERMAN, D. M. Ethnography: step-by-step. 3^a. ed. **Applied social research methods series**: SAGE Publications, v. 17, cap. 2, 2010.
- FETZER, A.; WEISS, D. Doing things with quotes: Introduction, **Journal of Pragmatics**, 2020.
- GOFFMAN, E. Forms of talk. Philadelphia, **University of Pennsylvania Press**, 1981.
- GOFFMAN, E. Frame analysis: An essay on the organization of experience. New York, **Harper and Row**, 1974.
- GOFFMAN, E. On face-work: An analysis of ritual elements in social, interaction. **Psychiatry**, n. 18, p. 213–231, 1955.
- GOFFMAN, E. The neglected situation. **American Anthropologist**, n. 66, p. 133–136, 1964.
- GOLATO, A. An innovative German quotative for reporting on embodied actions: Und ich so/und er so ‘and i’m like/and he’s like’. **Journal of Pragmatics**, v. 32, n. 1, p. 29–54, 2000.

- GOODWIN, C. Interactive Footing. em: HOLT, E. e CLIFT, R. Reporting Talk: Reported Speech in Interaction. Cambridge, Cambridge University Press, **Studies in Interactional Sociolinguistics**, p. 16-46, 2006.
- HOLT, E. CLIFT, R. Introduction. In: Reporting Talk: Reported Speech in Interaction, Cambridge, **Cambridge University Press**, p. 1–15, 2007.
- HOLT, E. I'm eyeing your chop up mind: reporting and enacting. In: HOLT, E. & CLIFT, R. Reporting Talk: Reported Speech in Interaction. Cambridge, **Cambridge University Press**, p. 47-80, 2007.
- HOLT, E. Reported Speech. In: The Pragmatics of Interaction, Amsterdam, **John Benjamins**, p. 190-205, 2009.
- IRVINE, J. T. Shadow conversations: The indeterminacy of participant roles. In: SILVESTEIN, M. & URBAN, G. Natural Histories of Discourse. **The University of Chicago Press**, p. 131–159, 1996.
- JEFFERSON, G. Error correction as an interactional resource. **Language in Society**, v. 3, n. 2, p. 181–199, 1974.
- JEFFERSON, G. Glossary of transcript symbols with an introduction. In G. H. Lerner (Ed). Conversation Analysis: Studies from the First Generation, Amsterdam: **John Benjamins**, p. 13-31, 2004.
- JEFFERSON, G. On exposed and embedded correction in conversation. **Studium Linguistik**, v. 14, p. 58-68, 1983.
- JEFFERSON, G. Sequential Aspects of Storytelling in Conversation. In: SCHENKEIN, J. Studies in the Organization of Conversational Interaction, **Academic Press**, p. 219-248, 1978.
- JESPERSEN, O. The Philosophy of grammar. London: **G. Allen and Unwin**. 1924.
- LARSON, M. L. The Functions of Reported Speech in Discourse. **Summer Institute of Linguistics**, 1987.
- LEHRER, A. Remembering and representing prose: Quoted speech as a data source, **Discourse Processes**, v. 12, p. 105-125, 1989.
- LI, C. Direct and indirect speech: a functional study. In COULMAS, C. Direct and Indirect Speech, Berlin, Boston, **De Gruyter Mouton**, p. 29–45, 1986.
- MANDELBAUM, J. Interpersonal activities in conversational storytelling, **Western Journal of Speech Communication**, 53:2, p. 114-126, 1989.
- MANDELBAUM, J. Storytelling in Conversation. In: SIDNELL, J & STIVERS, T. **The Handbook of Conversation Analysis**. 2012.
- MATHIS, T.; YULE, G. Zero quotatives. **Discourse Processes** v. 18, p. 63–76, 1994.

- MAYES, P. Quotation in spoken English. **Studies in Language** p. 325–363, 1990.
- MONDADA, L. Emergent focused interactions in public places: A systematic analysis of the multimodal achievement of a common interactional space, **Journal of Pragmatics**, vol. 41, no. 10, p. 1977–1997, 2009.
- MONDADA, L. Multiple temporalities of language and body in interaction: challenges for transcribing multimodality. **Research on Language and Social Interaction**, vol. 51, n. 1, p. 85–106, 2018.
- NORRICK, N. R. Conversational Storytelling. In: HERMAN, D. The Cambridge Companion to Narrative. Cambridge: **Cambridge University Press**, P. 127-141, 2007.
- PROUST, J. The philosophy of metacognition: mental agency and self-awareness. Oxford: **Oxford University Press**, 2013.
- ROMAINE, S.; LANGE, D. The Use of like as a Marker of Reported Speech and Thought: A Case of Grammaticalization in Progress. **American Speech**, v. 66, n. 3, p. 227, 2006.
- SACKS, H. An analysis of the course of a joke's telling in conversation. In: SHERZER, J.; BAUMAN, R. Explorations in the Ethnography of Speaking. London: **Cambridge University Press**, p. 37-53, 1974.
- SACKS, H. Lectures on Conversation., Oxford: **Basil Blackwell**, vol. 1-2, 1992.
- SACKS, H. Some considerations of a story told in ordinary conversations. **Poetics**, n. 15 v. 1-2, p. 127–138, 1986.
- SACKS, H. Some technical considerations of a dirty joke. In: Studies in the Organization of Conversational Interaction. **Academic Press**, New York, p. 249-270, 1978.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking in Conversation. **Language**, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974.
- SCHEGLOFF, E. A. Discourse as an interactional achievement: some uses of 'uh huh' and other things that come between sentences. In: TANNEN, D. Analyzing Discourse: Text and Talk. **Georgetown University Press**, p. 71–93, 1982.
- STIVERS, T. Stance, alignment and affiliation during storytelling: when nodding is a token of affiliation, **Research on Language and Social Interaction**, vol. 41, no. 1, p. 31–57, 2008.
- STIVERS, T.; MONDADA, L.; STEENSIG, J. Knowledge, morality and affiliation in social interaction, In: STIVERS, T; MONDADA, L.; STEENSIG, J. The Morality of Knowledge in Conversation. Cambridge, **Cambridge University Press**, p. 3–24, 2011.

STOKOE, E; EDWARDS, D. Story Formulations in Talk-in-Interaction. **Narrative Inquiry**. v. 16, p. 56-65, 2006.

TANNEN, D. Talking Voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse. Cambridge, **Cambridge University Press**, 1989.

TANNEN, D. Waiting for the Mouse: Constructed Dialogue in Conversation. The Dialogic Emergence of Culture, Philadelphia, **University of Pennsylvania Press**, p. 198-217, 1995.

VOLOSINOV, V. N. Exposition of the problem of reported speech. In **Marxism and the Philosophy of Language**, p. 115–174, 1973.

WIERZBICKA, A. The semantics of direct and indirect discourse. **Papers in Linguistics**. p. 267–307, 1974.

ANEXO A – CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO¹

(1.8)	Ausência de fala
(.)	Ausência de fala inferior ou igual a 0.3
=	Fala colada
[Texto] [Texto]	Falas sobrepostas
,	Entonação contínua (de lista) da UCT
↑texto	Entonação ascendente da sílaba
↓texto	Entonação descendente da sílaba
.	Entonação descendente da UCT
–	Level intonation (entonação plana)
?	Entonação ascendente da UCT
-	Marca de interrupção abrupta da fala
:::	Alongamento de som
>Texto<	Fala acelerada
>>Texto<<	Fala bastante acelerada
<Texto>	Fala lenta
<<Texto>>	Fala bastante lenta
TEXTO	Volume mais alto
°texto°	Volume baixo
°°texto°°	Volume bastante baixo
<u>Texto</u>	Sílaba, palavra ou som acentuado
(Texto)	Dúvidas do/a transcritor/a
xxxx	Fala inaudível/ininteligível
((Texto))	Comentários do/a transcritor/a
<i>hhh</i> (italicizado)	Riso aspirado

¹ Modelo de transcrição traduzido e adaptado pelo grupo Fel a partir da proposta de Jefferson (1984), com marcações sugeridas pelo GAT2 (SELTING et al., 2011).

<i>hahahehehihi</i>	Riso com vogal perceptível (a vogal deve representar aquela que foi produzida)
{{ <i>rindo</i> } texto}	Produção de fala rindo / chorando / cantando / etc. (descrever em <i>itálico</i>)
.hhh	Inspiração audível
hhh (não italicizado)	Expiração audível
ãʔã , mʔm, ãʔãʔã	Oclusiva glotal (como no inglês <i>uh-oh</i> . som produzido no fundo da garganta, como uma “pausa”. Em português é comum nos tokens negativos. Clique aqui para ouvir alguns exemplos.)

ANEXO B - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO MULTIMODAL²

* *	
o o	
+ +	Cada participante da interação deve ganhar um símbolo de identificação diferente.
--> (l. x)	A ação descrita continua por linhas subsequentes até que o símbolo --->* reapareça.
-->>	A ação descrita continua até o final do excerto.
>>	A ação descrita inicia antes do início do excerto.
.....	Preparação do gesto.
-----	Ápice do gesto.
''''''''''	Retração do gesto

1) Cada movimento corporal é atribuído a um participante, identificado por seu pseudônimo e por um símbolo que será utilizado ao longo da transcrição.

2) Se a ação corporal é feita pelo participante que está utilizando o turno, não é necessária sua identificação na margem. No entanto, se a ação for feita por um participante diferente, ele/ela será identificado na margem. Utilizamos letras maiúsculas para identificação de fala e letra minúscula para identificação de movimentos corporais.

3) Os símbolos de identificação de cada participante são utilizados para demonstrar onde a ação inicia e termina. Estes símbolos são utilizados, também, na linha de fala, para que seja possível ao leitor sincronizar as ações multimodais. Tenta-se alinhar, quando possível, os símbolos para representar essa simultaneidade. A descrição da ação é inserida entre estes dois símbolos. Caso seja necessário preencher o espaço entre os símbolos para alinhamento, utiliza-se o sinal gráfico traço.

4) Se uma ação inicia em uma linha e continua na(s) próxima(s), utilizamos o símbolo --> ao final da descrição da ação, e o retomamos seguido do símbolo do participante para marcar o final da ação.

² Modelo de transcrição traduzido e adaptado pelo grupo FEI a partir da proposta de Lorenza Mondada Conventions for Multimodal Transcription (2014).

5) Trajetória dos gestos

..... Indica a preparação do gesto

----- Indica o ápice do gesto; movimento estabilizado

,,,,,,, Indica a retração do gesto

ANEXO C - TRANSCRIÇÕES NA ÍNTEGRA

TRANSCRIÇÃO A

1 BEN: foi nos quinze dela que eu fiz um discurso surpresa com um
2 buquê de flores e eu dei u:m:, [>tipo<]
3 LAN: [a:::i:] que boniti:nho:
4 (.)
5 BEN: na festa dela e ainda >tipo< no dia do aniversário dela,
6 (0.6)
7 BEN: eu peguei e eu comprei um tênis da hans todo branco
8 °que ela queria°
9 (.)
10 BEN: aí eu peguei uma: ro:sa:,
11 (0.4)
12 BEN: >de plástico< né se botasse outra ia:: [murchá] o negócio
13 ia ficá bem escroto
14 LAN: [hmhm]
15 (.)
14 BEN: uma rosa >de plástico< ver↑melha e botei no meio tipo que era
15 pra dá um destaque as↓sim e botei na cai:xa:, eu botei o
16 papel (.) que era o::- (.)branco co::m umas rosas também=
17 LAN: =aham
18 BEM: e eu bote::i, e daí
19 (0.4)
21 BEN: e ela ia pra educação física=
22 LAN: =°°ã°°
23 (0.5)
23 BEN: e aí eu (.) pedi lá na secretaria, que a irmã dela trabalha na
24 Secretaria pra botá em cima da mesa dela quando ela chegasse
25 e fiz uma:=
26 LAN: =que a[mo:r]
26 BEN: [carta]
27 BEN: falando >tipo<
28 (0.4)
29 LAN: que tu ama:va [e:la,]
30 BEN: [quanto] eu amava ela e: quanto ela era >tipo<
31 uma:: (.) mulher f- (.) especial e foda pra caralho
32 (0.6)
33 BEN: e a:í:::: tipo::,
34 (0.6)
35 BEN: foi foda
36 (0.6)
37 LAN: que ma:[ssa]
38 BEN: [e ela] chegô na saída assim com um sorriso e falô (.)

20 BEN: [uma cami:sa-,]
 21 (.)
 22 BEN: uma cami:sa manga com↑pri:da
 23 (1.4)
 24 BEN: um ca↑sa:co, um mole↑to:m,
 25 (.)
 26 LAN: tá. moleto:m já [xxxx]
 27 BEN: [três ca-] três cami↑se:ta
 28 (2.5)
 29 BEN: deve ↑tê mais alguma co:isa
 30 (.)
 31 LAN: tá mas- >>porquê que que tu<< não chega nela e >fala assim<
 32 (.) {{imitando voz} quero de volta.}
 33 (.)
 34 BEN: >porque ela vai aparecê< com um saco↑lã:o [na escola] {{voz
 35 aguda} eu que não ↑que:ro}
 36 CAR: [↑LA:NA]
 37 (.)
 38 BEN: {{voz aguda} fica lá: fodase}
 39 (.)
 40 LAN: NO:SSA: eu ia chega >e ia falá< minhas roupas ↑po:de me
 41 devolvê
 42 (1.1)
 43 BEN: e ela ROUBA[:VA mano ↓na cara dura]

TRANSCRIÇÃO C

1 PAC: >ô: doutora< me disseram que::,
 2 (1.8)
 3 PAC: quando o nenê::m ã::,
 4 (.)
 5 PAC: que a gente tem a:↑zia quando cre:sce o cabelinho >da
 6 criança< da- é essa: é verda- [↑ba imagina (.) ha:ha:]
 7 MED: [a:::~::~:i:::: não é a]ssim
 8 PAC: .hhh
 9 (.)
 10 PAC: eu- pois é::, eles falam muita besteira pra ↑ge::nte
 11 (0.4)
 12 PAC: >daí eu disse assi:m<,
 13 (0.8)

14 PAC: †a: então a minha não vai tê cabe:lo, (.) eu não te:nho
 15 a‡zi:a
 16 (.)
 17 MED: vai sê †careca entã:o
 18 (.)
 19 PAC: vai sê careca [entã:o]
 20 MED: [não †qué] dizê, [tem mã]es que:-
 21 PAC: [não qué-]
 22 MED: que †na:sce com o nenê cabe†lu:do, >tem outras que
 23 não< †mas azi:a >quase< todas tê:m
 24 (0.4)
 25 PAC: engraçado eu não ti:ve:?=
 26 MED: =me:lho:r †né:?
 27 (.)
 28 PAC: é só i:sso douto:ra?=
 29 MED: =†só: i:s[s:o:.]
 30 PAC: [>então tá<]
 31 obri†ga:da

TRANSCRIÇÃO D

1 BEN: <tipo>,
 2 (0.8)
 3 eu- daí eu precisava de um lugar pra almoça, daí eu >falei<
 4 <lázaro> vamo no cassi:ni >e daí ele falô< <bele:za>
 5 (0.4)
 6 BEN: >daí ele falô< só tem que falá [com a jaia porque]::,=
 7 LAN: [a:o:nde?]
 8 LAN: =cal†va:ni
 9 (.)
 10 BEN: <cassi:ni>
 11 (0.7)
 12 BEN: da:í:: tipo::,
 13 (0.8)
 14 BEN: que eu tenho co:nta lá daí >tipo< eu não preciso (me preocupá
 15 [em pa:gá:)]
 16 CAR: [((espirro))]
 17 (man†dado) (.) ((tosse))
 18 (0.5)
 19 BEN: é
 20 (0.5) ((carla suspira))
 21 BEN: >e aí ele fa†lô:< eu vou fala com a jaia porque ela >precisa
 22 fazê< um negó:cio >aí eu< bele:za

23 (0.5)
 24 BEN: a:í:: ele o:lhô >pra mim e falô< m- não dá: >daí eu< por↑que:
 25 (.)
 26 BEN: >daí ela< olhô pra mim >e falô< porque eu não ↑que:ro
 27 (0.9)
 28 BEN: >daí eu< o↑lhei pro lázaro e o lázaro fez assim ó: ((ben
 29 faz sinal de "não sei" com as mãos))
 30 (0.8)
 31 LAN: eu ↑sou assim com os meus melhores amigos?=
 32 CAR: =não.
 33 (1.3)

TRANSCRIÇÃO D1

1 BEN: >e aí ele fa↑lô:< eu vou fala com a jaia porque ela >precisa
 2 fazê< um negó:cio >aí eu< bele:za
 3 (0.5)
 4 BEN: a:í:: ele o:lhô >pra mim e falô< m- não dá: >daí eu< por ↑que:
 5 (.)
 6 BEN: >daí ela< olhô pra mim >e falô< porque eu não ↑que:ro
 7 (0.9)
 8 BEN: >daí eu< o↑lhei pro lázaro e o lázaro fez assim ó:
 9 LAN: *eu ↑sou* assim com os meus melhores amigos?=
 ben *.....*sinaliza c/ mãos----->,,,,,-->
 10 CAR: =não.*
 ben ,,,,,,*
 11 (1.3)

TRANSCRIÇÃO E

1 BEN: >tipo<
 2 (.)
 3 ela: >deu uma< daquelas duas socia:is que ela fez >lá na casa<
 4 de:la:
 5 >tipo< num di:a >e dep[ois< no outro] tam↑bé:m
 6 CAR: [si:m]
 7 (.)
 8 BEN: no segundo dia eu tava bem de boa comendo com o élio: o::: (.)
 9 galva:ni
 10 (0.4)
 11 BEN: a:í >tipo:< (.) be↑le:za >>daí eu tava lá- daí ela chegô junto
 10 me deu um seli:nho<< eu fiquei >tipo< e daí o lázaro olhô pra
 11 mim >tipo<
 12 (0.5) ((ben vira p/ car enqto. relaxa os

13 ombros))
 14 LAN: <como é que é:??>
 15 (.)
 16 BEN: é:
 17 (.)
 18 LAN: >que que acontece:u<?
 19 (.)
 20 CAR: [ela te] deu um se↑li:nho
 21 BEN: [tu tava]
 22 (.)
 23 BEN: {{voz aguda} é::??}
 24 (.)
 25 LAN: [a ↑ja:ia:??]
 26 CAR: [porque?]
 27 (.)
 28 BEN: é:
 29 (.)
 30 BEN: {{voz aguda} não ↑se:i}
 31 (.)
 32 CAR: [QUE IMBECI:L]
 33 LAN: [deve te amá:] me::u?
 34 (0.7)
 35 BEN: (tá e:) (.) >tipo< tava todo mundo lá ↑de:ntro, daí tava eu e
 36 o élio lá
 37 fora conversa:ndo >daí ela< chegô lá e me deu um se↑linho
 38 (1.8)
 39 CAR: °que imbeci:l°
 40 (1.1)
 41 BEN: che[gô ass↑i:m,] oi daí eu falei o:i >e daí ela fez
 42 assim ó<
 43 CAR: [°°que i:sso:°°]
 44 (0.5) ((ben faz bico com a boca))
 45 BEN: >daí eu< ué: >daí e:u< fiz assim (.) ((ben faz bico com a
 boca))
 46 >daí ela< me deu um seli:nho
 47 (0.5)

TRANSCRIÇÃO F

1 CAR: >ô ↑me::u< eu fiquei sem querê com o pó da lisbela::.
 2 (0.4)
 3 CAR: <e eu quebrei:.>
 4 (.)
 5 CAR: >tipo< ele caiu >dentro< d[a::::]
 6 LAN: [ela ↑vai] entendê
 7 (.).

8 CAR: ã?=
 9 LAN: =é:: a isa[bella]
 10 CAR: é real
 11 LAN: eu esp[e::ro]
 12 CAR: [é: hh.]
 13 CAR: eu ↑nem vou devolvê pra ela e::la se ela >ficá
 14 tipo< me::u: ca↑dê: eu >vou ficá >>tipo< me::u
 15 talvez ficô <lá em ca::sa>
 16 (0.4)
 17 CAR: aí eu vou entregá pra ela e vou sair {{hhh}corre::ndo}
 18 (0.4)
 19 LAN: hãhãhã

TRANSCRIÇÃO E1

1 BEN: no segundo dia eu tava bem de boa comendo com o élio: o::: (.)
 2 galva:ni
 3 (0.4)
 4 BEN: a:í >tipo:< (.) be↑le:za >>daí eu tava lá- daí ela chegô junto
 5 me deu um seli:nho<< eu fiquei >tipo< e daí o lázaro olhô pra
 6 mim >tipo<
 7 *(0.5)
 *relaxa ombros e olha p/ car-->>

TRANSCRIÇÃO E2

1 BEN: che[gô ass↑i:m,] oi daí eu falei o:i >e daí ela fez
 2 assim ó<
 3 CAR: [°°que i:sso:°°]
 4 *(0.5)*
 ben *bico com a boca*
 5 BEN: >daí eu< ué: >daí e:u< fiz assim *(.)* >daí ela< me deu
 bico com a boca
 6 um seli:nho

TRANSCRIÇÃO G

1 CAR: ela falô: que >tipo< no- na: ho:ra: >>(tu vai)<<
 2 {{voz aguda} ME:U DE:US LI::NDO}
 3 (.)
 4 CAR: ma::s depois de um te::mpo >ela ficô< >>tipo<<

5 .hhh .hhh ((CAR mexe cabeça e arregala olhos))
 6 (.)
 7 {{voz de desespero} °>meu deus que que eu fa:ço<°}
 8 (1.7)
 9 LAN: m::: >>tem (que) cuida né::<<

TRANSCRIÇÃO G1

1 CAR: ela falô: que >tipo< no- na: ho:ra: >>(tu vai)<<
 2 {{voz aguda} ME:U DE:US LI::NDO}
 3 (.)
 4 CAR: ma::s depois de um te::mpo >ela ficô< >>tipo<<
 5 ^.hhh^ ^.hhh^
 ^mexe cab.^mexe cab.^arreg. olhos^
 6 (.)
 7 {{voz de desespero} ^°>meu deus que^ que eu fa:ço<°}
 ^.....^olha espe. c/ olho arreg.--->
 8 (1.7)^
 ,,,,-->^
 9 LAN: m::: >>tem (que) cuida né::<<

TRANSCRIÇÃO H

1 LAN: >qua[l< ríme:l?]((lan pega alguns produtos))
 2 CAR: [não >ele é<] be:m ruim.
 3 (.)
 4 LAN: que rí:↑mel >>que tu tem<< que é ↑bo:m:?
 5 (.)
 6 CAR: °>esse<° é >maravilhoso<= ((car pega um produto))
 7 LAN: =eu be:m direta {{voz aguda}
 8 quero teu rímel bo::m}
 9 (0.5)

TRANSCRIÇÃO I

1 MED: porque tá aqui ó:: °(ela)° tá be:m nítida (.)
 2 [(e outra mo:-)]
 3 PAC: [porque não ↑é a prime]ira=
 4 MED: =tem que ver pra qual
 5 hospital tu ↑vai (.) >porque não é< qualquer hospital
 6 que te:m um: a:-

7 (0.7)

8 MED: um acompanhame:nto assim.

9 (1.1)

10 MED: porque tem coisas que depois que ↑na:sce re↑so:lve

11 entende (pela tua) x:xx:a:.

12 (3.1)

13 MED: >então na verdade< o que que tu precisa. é os exames,

14 é o >acompanhamento< até tu pode continuá por lá e:

15 >(eu queria) ver< se vão encaminhá: a pantano

16 ale:gre.<

17 (0.7)

18 MED: i:sso:=

19 PAC: =é o que ela me falo:u foi assim ↑ó: >ela disse<

20 pra mim (.) ↑já que o meu convênio nã:o- não ↑cobre os

21 exames ↑né: .hhh >ela disse assim< tu vai precisa

22 du::m (.) dum hospital assim de mais ↑po::rte >por

23 causa que o nenê-< é prova:vel ↓(que) °ele vai°

24 precisá fazê cirurgi:a .hhh

25 (.)

26 PAC: >>ela disse<< vou te encaminhá pro ↑su::s (.) .hhh pro

27 su:s te encaminhá pra pantano a↑le:gre >↓foi isso que

28 ela< me disse né:

29 (.)

30 PAC: porque aqui pe- pela regiã::o: não tem nenhum hospital

31 que::

32 (0.7)

33 PAC: tenha um ↑po:рте pra fazê esse tipo de cirurgia ↓né:

34 (.) ↑a gente é meio °leiga né:°, não entende direito

35 né: